

Charles Richet

Os Fenômenos de Materialização da Vila Carmen

Título Original em Francês

*Charles Richet - Les Phenomenes de Matérialisation de la Villa
Carmen*

Aux Dureaux Des - Annales Des Sciences Psychiques

Paris (1906)

Centre Spirite Lyonnais Allan Kardec

<http://spirite.free.fr>

Tradutora Fabiana Rangel

www.autoresespiritasclassicos.com

2013

Apresentação da obra

A obra aborda relatos de experiências de materialização ocorridas na Vila Carmen no início do século XX, a partir de sessões mediúnicas dispostas para este fim, nas quais participavam médiuns, homens da ciência e pessoas interessadas no tema.

O autor, o fisiologista Charles Richet, apresenta seus relatórios ao lado de fotografias feitas durante as sessões, nas quais fica retratado o espírito materializado de Bien Boa, B.B. Tendo em vista a experiência própria e as fotografias, ao lado da inspeção realizada pelo próprio Richet no local das sessões antes e depois das mesmas, o professor Richet busca, então, afirmar a possibilidade da realização de tais fenômenos.

Também ficam dispostos neste livro relatos de outros participantes, bem como contestações de cientistas quanto às experiências trazidas, contestações estas então respondidas a partir de argumentos obtidos no próprio relato do sr. Richet e também do sr. William Crookes, o qual igualmente interessou-se em estudar fenômenos de materialização.

A Tradutora

Sumário

- Capítulo 1 - Sobre alguns ditos fenômenos de materialização / **04**
- Capítulo 2 - Estudos das fotografias feitas na Vila Carmen / **13**
- Capítulo 3 - Discussão e conclusões / **21**
- Capítulo 4 - Sobre as fotografias argelinas do Sr. Charles Richet / **26**
- Capítulo 5 - Sobre experiências recentes em Argel / **35**
- Capítulo 6 - As sessões de materialização da Vila Carmen / **43**
- Relato do sr. X.
 - Relato do sr. Y.
- Capítulo 7 - As polêmicas quanto às sessões da Vila Carmen / **71**
- Capítulo 8 - Emile Lowe, arquiteto s/n / **79**
- Capítulo 9 - A conferência do Doutor X em Paris / **81**



Foto 1 - O espírito materializado de Bien-Boa (B.B.)

Capítulo 1

Sobre alguns ditos fenômenos de materialização

Não é sem grande hesitação que decido publicar essas experiências, pois, ainda que elas tenham sido precedidas por algumas experiências análogas, creditadas a diversos intelectuais, e em particular ao Sr. William Crookes, elas são bastante estranhas e podem provocar a incredulidade. Parece-me, entretanto, que alguns fatos são inegáveis e são esses fatos que eu gostaria de expor, abstendo-me de toda interpretação teórica e de toda discussão.

I

Graças à benevolência do General Noël e da Sra. Noël, graças à boa vontade e à abnegação da Srta. Marthe B., essas experiências puderam ser acompanhadas por mim durante todo o mês de agosto de 1905. Eu já tinha tido a oportunidade, em 1903, de assistir a algumas sessões da vila Carmen. Mas eu não acreditava ter de concluir alguma conclusão fechada.

É inútil acrescentar que o Sr. e a Sra. Noël já haviam publicado diversas notícias sobre esses fatos singulares que apareceram na *Revista científica e moral do espiritismo*, de G. Delanne, desde muitos anos. Mas eu não farei nenhuma alusão a esses relatos e me ocuparei exclusivamente dos fatos de que fui testemunha.

As pessoas que assistiram a essas experiências foram o General Noël, a Sra. Noël, a srta. X..., o sr. Gabriel Delanne e as três filhas do sr. B, oficial aposentado: Marthe (19 anos), Paulette (16 anos), Maia (14 anos). Marthe era noiva de Maurice Noël, o filho do sr. e da Sra. Noël, que morreu no Congo há um ano. É provável que a maioria dos fenômenos que se produziram se devam à influência de Marthe como médium. De fato, as diversas pessoas estavam fora da cortina onde aconteceram as materializações, de modo que Marthe ficou sentada no gabinete atrás da cortina. Por duas vezes nessa experiência, atrás da cortina, tomou parte uma pessoa, denominada Ninon, quiromante por profissão; mas seu papel foi bastante pequeno, pois ela não foi ali mais que duas vezes. Uma negra a serviço do sr. Noël, uma jovem de 22 anos, de nome Aischa, também tomou parte nessas sessões, digamos que como médium, e ela ficava atrás da cortina. Mas seu papel parece ter sido bastante irrisório, pois, em muitas experiências onde houve fenômenos importantes, Marthe estava só, sem Aischa ou Ninon.

O lugar onde se passaram essas experiências é um pequeno quiosque situado no jardim da vila Carmen, onde se alojam o sr. e a Sra. Noël. Esse quiosque é completamente separado de toda casa; ele é composto por uma única peça e é construído sobre um estábulo reformado. É um cômodo de duas janelas e uma porta de entrada. Uma das janelas dá para a rua, é muito alta (5 metros). A outra janela dá para uma escadaria que conduz do jardim à rua. (O Jardim está numa encosta muito íngreme da rua Fontaine à rua Darwin). A porta dá para o jardim. Cada uma das janelas está fechada e coberta por uma tela presa à parede. Na parte superior desta tela se encontra uma cortina de tapeçaria espessa que também está presa à parede. O chão do cômodo é composto por pequenos pisos cimentados. Acima do piso está preso um tipo de tapete de linóleo que, perto do gabinete, é ele próprio coberto de um tapete de feltro pouco espesso.

O gabinete é constituído apenas por um dossel formando um triângulo

num dos ângulos do cômodo. Esse triângulo representa um triângulo retângulo cuja hipotenusa (AB) tem por volta de 2m50. A altura do dossel é de 2m10. A do cômodo é de 2m60. Há, então, 50cm de espaço entre o estrado do dossel e o teto. O triângulo é fechado por uma cortina de tapeçaria muito espessa e escura. Essa cortina corre sobre um varão, por meio de anéis.

Diante da cortina, deixando apenas espaço suficiente para que se possa passar, está uma mesa redonda de madeira escura, em torno da qual estávamos agrupados na seguinte ordem (quase sempre).

Observando a cortina como no teatro e tomando o lugar de espectador havia sucessivamente em torno da mesa: Maia, Melle X..., eu, Paulette, G. Delanne, Sra. Noël, general Noël.

Antes da sessão, eu fazia uma exploração minuciosa de todo recinto, do dossel, das cortinas, das poltronas (que estavam levantadas), de uma banheira e de um velho aparador dispostos ao fundo, de modo que posso afirmar que ninguém estava escondido ali. Além disso, como as cortinas das janelas estavam pregadas e não há alçapões no solo nem porta falsa na parede, eu posso com toda certeza afirmar que ninguém estranho poderia penetrar o local durante a sessão.

A luz era obtida por meio de uma vela posta em uma luminária de vidro vermelho que foi colocada a certa altura (2m25) da porta.

Na parte da frente, a cortina tinha uma abertura, de modo que era constituída de duas partes, uma parte direita um pouco mais longa que a parte esquerda. Quando a cortina estava muito aberta e os olhos habituados à escuridão, era possível distinguir as mãos, os rostos dos médiuns e suas vestes. No entanto, era muito difícil reconhecê-los, mesmo com a abertura máxima da cortina. Do contrário, no cômodo, a uma distância de 1 metro ou 1m50, era possível reconhecer muito facilmente as diversas pessoas que estavam lá.

Após várias operações preliminares, sobre as quais não insisto, Marthe e Aischa iam sentar-se no gabinete e a cortina era puxada; Marthe estando à direita e Aischa à esquerda.

As sessões aconteciam fosse às 4 horas da manhã, fosse às 8 horas. Elas duravam duas ou três horas. Depois da sessão, eu fazia a exploração minuciosa do cômodo com o mesmo cuidado de antes da

sessão.

II

As experiências que se passaram diante de mim na vila Carmen não serão descritas aqui detalhadamente, pois o protocolo dessas experiências, escrito por mim imediatamente após a sessão, seria uma leitura verdadeiramente muito penosa e fatigante. Será suficiente trazer à luz metodicamente alguns fatos essenciais, aqueles que me parecem ter a maior importância.

Eu disse acima que absolutamente não se pode supor a presença de um indivíduo escondido, nem de um indivíduo entrando no cômodo, para explicar a presença de novo personagem aparecendo ao lado dos médiuns.

Estabelecerei, a princípio, que esse personagem não é nem uma imagem refletida em um espelho, nem um boneco, nem um manequim. De fato, ele possui todos os atributos da vida. Eu o vi sair do gabinete, andar, ir e vir no cômodo. Ouvei o barulho de seus passos, sua respiração e sua voz. Toquei sua mão várias vezes. Essa mão era articulada, quente, móvel. Pude, através do pano que cobria essa mão, sentir o pulso, os ossos do carpo e do metacarpo que se dobravam sob a pressão de meu aperto de mão.

Assim a única fraude possível – e é absolutamente impossível supor alguma outra – é que, digamos, o fantasma seja a médium disfarçada! Por razões que darei mais à frente com detalhes, considero essa hipótese como extremamente difícil, ou, melhor dizendo, como impossível de admitir. Mas, antes de estabelecer essa discussão, relato por completo a experiência seguinte que prova claramente que o fantasma, ou a forma que estava diante de nós, possui alguns atributos essenciais de vida.

Em 1º de setembro, sexta-feira, Marthe e Aischa vão se sentar atrás da cortina; à frente da cortina se encontram os assistentes habituais: sr. Noël, Sra. Noël, G.D., Paulette, B., R., Melle X, Maia B. Eu havia preparado uma garrafa contendo água de bário, límpida e disposta de tal forma que soprando em um tubo de borracha seria possível fazer borbulhar o ar expirado na água de bário. Depois de diversos

fenômenos, sobre os quais não insisto, B. B. (é o nome pelo qual o fantasma se designa a si próprio) pede que se faça a experiência da água de bário. Nesse momento ele se inclina para fora da cortina e eu distingo Aischa nitidamente pela fenda da cortina, sentada bem longe de B.B., e Marthe, de quem não vejo bem o rosto, mas reconheço seu vestido, a camiseta de sua blusa e suas mãos. G. Delanne, que estava mais próximo a mim assegura que vê o rosto.

Então, B.B se inclina para fora da cortina. O general toma de minhas mãos o tubo de bário e o dá a B.B., que tenta soprar, inclinando-se um pouco para frente da cortina, à esquerda. Durante esse tempo, eu vejo muito bem toda forma de Marthe, que está atrás e à esquerda de B.B.; Aischa está sempre imóvel e muito longe. G. Delanne me faz observar em voz alta que distinguia Marthe inteira e, como o ponto central da experiência está precisamente na visão completa de Marthe, toda minha atenção se põe sobre ela. Entretanto, ouço B.B., que tenta soprar o tubo, mas ele sopra mal e sua respiração, não passando através do tubo, mas passando fora, não provoca movimento.

B.B. faz esforços vãos e escuta-se seu sopro. Então, o general explica a ele que é preciso fazer “gluglu”. Ele sopra com força, escuto as borbulhas que duram por volta de meio minuto: depois, B.B. faz sinal com a cabeça de que está cansado e que não pode mais continuar. Então, ele me passa o tubo de bário: eu constato que o líquido se tornou absolutamente branco”.

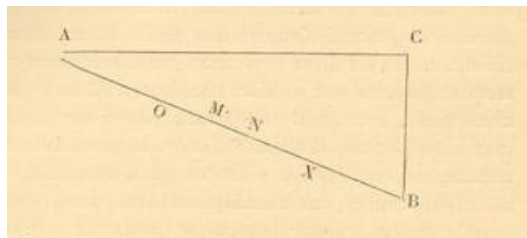
Eu preciso enfatizar: 1º que eu não tirei os olhos do tubo e que ele saiu de minha mão para ir entre as mãos do general e de B.B.; depois, que eu vi todo o tempo o tubo perto da boca de B.B. enquanto os gases de expiração borbulhavam na água de bário e que logo depois havia carbonato de bário, como pude constatar à suficiente luz do recinto, sem que meus olhos tenham deixado o tubo de bário; 2º que por várias vezes pude ver atrás de B.B. a forma de Marthe, suas mãos muito certamente, seu rosto apenas por intervalos, pois, inclinando-se, B.B a escondia. Em todo caso, eu não podia ver senão vagamente a forma de seu rosto, pois havia muito pouca luz para que se pudesse reconhecer seus traços.

Após essa extraordinária e emocionante experiência aconteceu um incidente, um pouco cômico, pois as coisas cômicas se misturam

imprudentemente às coisas graves. Depois que as pessoas presentes constataram que havia ácido carbônico, ficaram tão entusiasmadas que aplaudiram, dizendo: Bravo. Então, B.B., que tinha desaparecido atrás da cortina, reapareceu por três vezes, mostrando sua cabeça e saudando, como um ator que retorna à cena, chamado pelos aplausos dos assistentes.

Eu insisto sobre esse fato de que, enquanto B.B. soprava o tubo, sr. Delanne me fazia observar em alta voz que se distinguisse perfeitamente atrás de B.B. a forma de Marthe e ele fez essa observação em três momentos diferentes, durante o tempo em que B.B. soprava.

Assim, é perfeitamente evidente que B.B. possui os atributos essenciais de vida. Ele anda, falta, se move, respira como um ser humano. Seu corpo é resistente; há uma certa força muscular. Não é nem um manequim, nem um boneco, nem uma imagem refletida em um espelho: e pode-se deixar resolutamente de lado toda suposição que não seja uma dessas duas hipóteses: ou um fantasma tendo atributos de vida, ou uma pessoa viva desempenhando o papel de fantasma.



O fenômeno seguinte me pareceu de uma importância primordial.

A experiência foi feita nas mesmas condições que as outras, exceto pelo fato de a srta. X não estar presente. (29 de agosto, terça-feira. Foi nesse dia que a fotografia I foi feita). Depois de feita a fotografia, a cortina se fecha. Considere-se ACB o triângulo representando o gabinete onde estão sentadas Marthe em M e Aischa em N. Considere-se AB a cortina, com uma abertura em O, por onde pode sair e entrar a forma de B.B.

B.B começa por aparecer na abertura da cortina, depois entra. Mas B.B. acaba de retornar a O e eu vejo, sem que a cortina se mexa, uma luz branca em X sobre o chão, para fora da cortina, entre a mesa e a cortina. Eu me levanto um pouco para olhar por cima da mesa. “Vejo

como uma bola branca, luminosa, que flutua sobre o chão e cujos contornos são imprecisos. Depois, por transformação dessa luminosidade esbranquiçada, subindo à direita muito rapidamente, como saindo de um alçapão, aparece B.B. de tamanho não muito grande, ao que me parece. Ele está com um pano, e creio, como uma túnica com um cinto na cintura. Ele se encontra, então, localizado entre a mesa e a cortina, estando perto, por assim dizer, do piso, fora da cortina (que não mexeu). A cortina ao longo do ângulo B está presa à parede, de modo que um indivíduo vivo, para sair do gabinete por ela, não teria outro modo senão rastejando pelo chão e passando pela cortina. Mas a saída foi rápida e a marca luminosa sobre o piso precedeu a aparição de B.B. fora da cortina e ele se pôs ereto (desenvolvendo rapidamente sua forma de uma maneira retilínea). Então, B.B. tenta vir entre nós, ao que me parece, mas ele tem um andar algo coxo, hesitante. Eu não saberia dizer se ele caminha ou se ele desliza. Em um momento ele balança como se fosse cair, mancando com uma perna que parece não mais poder sustentar (eu dou minha impressão). Depois ele vai em direção à fenda da cortina. Então, sem abrir a cortina, pelo que creio, de repente ele se esvai, desaparece no chão e ao mesmo tempo escuta-se um barulho de *clac clac*, como o barulho de um corpo que se joga ao chão. Muito pouco tempo após (dois, três ou quatro minutos), aos pés do general, na fenda da cortina, vê-se ainda a mesma bola branca (sua cabeça?) aparecer no nível do chão. Depois um corpo se forma, eleva-se rapidamente, se caracteriza, atinge a altura de um homem, então repentinamente se esvai sobre o chão com o mesmo barulho *clac clac* de um corpo que cai no chão. O general ouviu o choque dos membros que, se jogando sobre o chão, machucaram sua perna com violência¹”.

Parece-me mesmo que essa experiência é decisiva, pois a formação de uma mancha luminosa sobre o chão, a qual se torna em seguida um ser caminhante e vivo, não pode ser, ao que tudo indica, obtida por um truque. Supor que Marthe, deslizando sob a cortina, depois elevando-se, disfarçada de B.B., pôde dar a aparência de uma mancha branca subindo em linha reta, isso me parece impossível. Mais do que no dia posterior, talvez para me mostrar a diferença (?), B.B. apareceu

¹ As palavras entre aspas são a reprodução textual de minhas notas. As palavras sublinhadas não estão em minhas notas. Eu as introduzi aqui para tornar inteligível uma redação escrita muito rápido, por mim mesmo, e quase sempre obscura.

novamente diante da cortina. Mas ele não veio pela abertura O da cortina; ele veio levantando a cortina atrás da qual ele se formou e colocando-se, como se diz, de quatro, depois se restabelecendo. Não havia nenhuma analogia possível entre esses dois modos de formação.

Muitas vezes, por exemplo 24 de agosto três vezes, eu o vi se enfiar direto no chão: “ele se diminui num golpe só e sob nossos olhos desaparece no chão, depois retorna de repente em linha vertical. É a cabeça com o turbante e o bigode negro e como a indicação dos olhos, que crescem, eleva-se, sobe até mesmo a uma altura maior que a do dossel. Em certos momentos, ele é forçado a se inclinar e a se curvar, devido a esse grande tamanho obtido. Então, de repente sua cabeça baixa, desce até o chão e desaparece. Ele fez isso três vezes seguidas. Tentando comparar esse fenômeno a algo, eu não posso encontrar melhor para a produção rápida e retilínea do personagem do que as marionetes que ficam nas caixas surpresa e que saem num rompante. Mas eu não conheço o que possa parecer com esse desvanecimento no chão em linha reta, de modo que a um dado momento parece-me que há apenas a cabeça sobre o chão e que não há mais corpo”.

Qualquer que seja a importância dessa última experiência, repetida três vezes, ela me parece menos decisiva do que a experiência precedente, o nascimento por uma mesa branca sobre o chão fora da cortina; de fato, no caso do corpo fixando-se em linha reta sobre ao chão, pode-se supor que, por extraordinários esforços de hábil ginástica, alguém muito flexível, deslocando-se, poderá voltar para trás deixando a cabeça descer à frente até tocar o chão, de modo a dar a impressão de uma cabeça que desce em linha reta até o solo. Mas como fazer desaparecer a aparência dos panos?

Para mim, foi de uma importância considerável sentir a mão, ou o corpo, ou uma parte qualquer do pano, desvanecer na minha mão. Devo dizer que por várias vezes eu pedi insistentemente por essa experiência. B.B. bem prometeu dá-la a mim, mas não tenho nada, absolutamente nada semelhante. Entretanto, o fato de se formar e de desaparecer assim permite supor que isso não é impossível. Se assim o fosse, seria indubitavelmente uma experiência decisiva, pois a hipótese de uma alucinação ou mesmo de uma ilusão tátil de minha parte é verdadeiramente ridícula.

Em todo caso, o que fica aqui, que é de um valor considerável, é que ele se tornou um corpo vivo, para fora da cortina, sob meus olhos, saindo e entrando no chão.

Eu estava tão certo de que esse corpo vivo não poderia vir da cortina que, a princípio, supus a possibilidade (absurda) de uma armadilha. No dia seguinte a essa experiência de 29 de agosto, eu examinei minuciosamente as peças do piso e o estábulo reformado que está subjacente a essa parte do quiosque. O teto muito alto desse estábulo é rebocado com cal, coberto de teia de aranha e assombrado por aranhas que não eram perturbadas há muito tempo, até que, com a ajuda de uma escada, explorei o teto do estábulo.

Agora, deixo de lado outros fatos, sobre os quais terei oportunidade de retornar quando discutir a realidade desses fenômenos, e chego às fotografias.



Foto 2 - O espírito materializado de Bien-Boa (B.B.)

Capítulo 2

Estudos das fotografias feitas na Vila Carmen

Essas fotografias, obtidas à luz de uma conflagração repentina de uma mistura de clorato de potássio e de magnésio, foram simultaneamente feitas pela srta. X..., com uma Kodak, pelo sr. Delanne com um aparelho estereoscópico e por mim com um estereoscópio Verascópio Richard, de modo que, em certos casos, há cinco fotografias simultâneas para uma única deflagração do magnésio. Isso exclui toda possibilidade de fraude fotográfica. Além disso, as provas foram desenvolvidas por MM. R. e M., construtores de aparelhos de ótica em Alger, que ignoravam absolutamente a natureza dos negativos que eu lhes havia submetido².

Sobre a fotografia I (Kodak) e a Ia (estereoscópio Richard) vê-se uma grande forma torneada por um pano branco flutuando na abertura da cortina. À esquerda desenha-se nitidamente as costas da cadeira em que se sentava Aïcha, com o ombro esquerdo bem aclarado. Distinguem-se os desenhos inferiores do tecido de algodão listrado que ela veste. A fotografia feita pela Kodak é muito mais nítida do que a do Verascópio. Pode-se ver que esse pano é bastante fino e transparente, permitindo que atrás transpareça em um linha vertical negra a aparência escura da cortina. Sob esse tecido fino aparece a forma do cotovelo, braço e a mão; uma mão muito longa, ligeiramente formada, cujas extremidades digitais, como se não estivessem cobertas pelo tecido, parecem se perder num tipo de nuvem valorosa, uma luz branca, de contornos indeterminados. No alto não se vê todo o rosto, mas apenas sua parte inferior; uma cabeça inclinada para frente, da qual se vê somente o queixo curto escondido por uma barba negra, espessa, que cobre toda a boca e acima da qual se distingue apenas a ponta do nariz. Infelizmente, a fotografia para aí e é cortada transversalmente por uma faixa que não deixa ver os olhos e atravessa o rosto na altura da extremidade inferior do nariz. O pescoço está nu, com uma fita negra curta (?) e os diversos ornamentos, indistintos, que

² No momento em que escrevo esse artigo, não sei até que ponto todos os detalhes que dou poderão ser visíveis nas pranchas anexadas ao meu trabalho. O que posso dizer é que eles aparecem muito bem nas fotografias que tenho sob meus olhos.

estão sob o pano branco. Na parte inferior do fantasma e a sua esquerda distingue-se uma manga que parece mais ou menos vazia e algo como uma forma de blusa. O brilho branco do fantasma aclarado pelo magnésio é tal que ilumina a mesa de madeira escura e ali se vê o reflexo como numa superfície polida. Também a abertura da cortina, a uma certa distância, fica mais luminosa. Além disso, a cortina está ligeiramente repuxada e aberta para a esquerda.

A estereoscopia (Ia) acrescenta alguns detalhes interessantes: tudo foi confirmado, notadamente a forma nebulosa, indistinta, da mão esquerda do fantasma coberta pelo tecido. Essa nebulosidade que finaliza a mão está à frente da cortina. Pode-se observar a diferença de precisão entre esse tecido branco do qual não se distinguem os contornos e os contornos muito nítidos do ombro de Aicha. O rosto de B.B. está bastante comprimido no pano, que parece formar à frente, como para expô-lo ou escondê-lo, um longo corredor ao fundo do qual o rosto mal se distingue. Entre o rosto e o pano estão os ornamentos, os laços, tecidos dos quais não se distingue a natureza, mas que parecem verdadeiramente muito complicados. Na parte inferior, à esquerda, uma pequena projeção angular revela a manga de Marthe, que se vê localizada em um plano muito posterior. Se não se vê mais que a ponta da manga, é porque o ângulo de onde tirei a fotografia verascópica não era o mesmo ângulo em que foi feita a fotografia Kodak. O que chama atenção é a finura extrema desse tecido, contrastando com a espessura relativa do véu de B.B. nas outras fotografias. A fotografia II é somente verascópica. Ela foi feita na terça-feira, 29, uma vez que a srta. X, que tirava a foto Kodak, estava ausente. Distinguem-se diversas coisas interessantes. Aischa aparece a princípio, muito nitidamente fotografada.

Vê-se sua figura negra, seus traços, sua pele à reflexos metálicos. Sua cabeça está jogada para trás e, virando os olhos para a direita sem mexer a cabeça, ela olha em direção a B.B. Quanto ao dossel, este pode ser visto inteiro pois infelizmente a fotografia foi feita muito alta. Em todo caso, cada um poderá, assim, perceber as condições nas quais a experiência se passou.

Quanto a B.B., ele é visto no lado direito da cortina. Ele tem a cabeça coberta por um tipo de capacete de armadura, com reflexos metálicos: por cima do capacete tem um turbante. Descendo das orelhas há um

tipo de queixeira que só se vê bem à esquerda e que cobre a bochecha e a orelha direita e que parece ser posta junto a bochecha abaixo do capacete. O tecido desce do turbante flutuando e formando um tipo de pingente. O braço esquerdo, do qual não se distingue nada, está envolvido por um tecido espesso que se estende em direção a Marthe, a quem ele esconde completamente. De resto, B.B. nos havia anunciado que, como Marthe temia a luz do magnésio, ele tomou o cuidado de esconder os olhos e o rosto durante a fotografia.

O tecido que cobre o corpo cai para a direita e tem como que pequenos *bouffettes* brancos em tufos na parte superior. Abaixo desses tufos, enfeitando o pescoço e formando como que um casaco, uma série de ornamentos bizarros dos quais é difícil determinar a natureza.

A figura de B.B., em si, é muito pouco distinta, borrada, quando comparada à figura nítida, acentuada de Aischa. O nariz é longo: os olhos estão, talvez, abertos, mas isso é vago. Uma barba negra muito espessa, que parece como que colada sobre o lábio superior, tapa o rosto. Esse bigode é caído, esconde o queixo.

Observa-se também que os contornos do pano são incertos, nebulosos, vaporosos, e que essa forma indefinida contrasta curiosamente com o limite preciso e seco dos contornos do lenço que tínhamos colocado em torno da cabeça de Aischa para reconhecê-la facilmente na penumbra. A forma indefinida de B.B. e de seus panos contrasta com os contornos nítidos da cortina, tão nítidos que em um dado ponto pode-se ver um fio negro que se destaca da cortina, desfiado.

Eu chamo ainda a atenção para a forma estranha do tecido, que está como que suspenso na mão direita de B.B. É como se fosse uma nuvem branca descendo de sua mão e cobrindo a cabeça e o corpo de Marthe. De fato, graças ao relevo dado pela imagem dupla, vê-se bem o pingente branco que desce do turbante localizado à frente do braço. O braço se destaca nitidamente do corpo e há um tecido espesso que recai no local onde seria a mão. Nada parece menos a uma roupa ordinária do que essa roupa composta de três partes: um vestido branco, com *bouffettes* no alto e que caem direto sobre o corpo; um turbante posto sobre um capacete com um pingente totalmente destacado do vestido e derivando do turbante e, enfim, essa massa de panos brancos que cobre o punho e a mão de B.B. (que não se vê) e

que esconde, descendo sob forma de véu espesso, o lugar onde está (ou onde deveria estar) Marthe.

Diante e muito à frente da cortina, sobre a parte direita, como o relevo estereoscópico indica, uma mancha branca luminosa; um tipo de haste branca munida de uma fluorescência. Isso não é um erro fotográfico, pois ela se encontra nas duas imagens. É possível que essa mancha se deva a uma parcela de magnésio sendo projetado, no momento do *flash*, diante da objetiva. Mas eu não creio nisso, pois nas fotografias anteriores que a Sra. Noël me mostrou eu vi essas manchas *fluídicas* (emanações??) que unem em uma linha esbranquiçada as duas médiuns e que têm aparências idênticas à de nossas fotografias.



Foto 3 - O espírito materializado de Bien-Boa

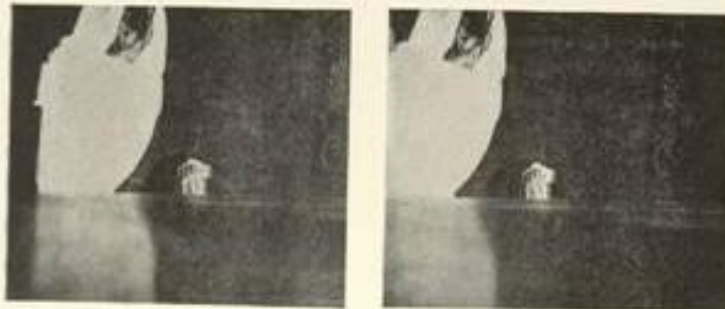


Fig. Ia.

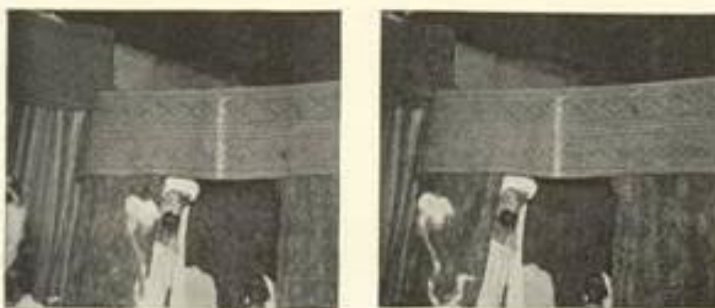


Fig. II.



Fig. IIIa.

Foto 4 - O espírito materializado de Bien-Boa

É possível ainda que essas emanções tenham impressionado a placa antes do clarão do magnésio, pois tive o cuidado de deixar o aparelho fotográfico aberto por bastante tempo antes do clarão. A luz vermelha não sendo suficiente para cobrir a placa, mesmo depois de uma longa exposição.

As fotografias III e IIIa e IIIb são certamente as melhores (à parte a fotografia IIIa, Kodak, que foi feita enquanto o aparelho não estava pronto). Na fotografia III, vê-se um pouco da pessoa de Aischa (lado direito), a poltrona onde Aischa está sentada e o vestido de Aischa. Depois, ao lado dela, Marthe, sentada, de quem não se distingue o rosto nem as mãos, mas de quem se vê o vestido, a blusa, o cinturão e o braço esquerdo se dirigindo a Aischa. B.B., ao lado da cortina, está de pé.

A figura de B.B. está mais nítida que na fotografia II. O nariz está menos longo. Há não somente um bigode, mas talvez também uma barba. O capacete é muito grande. Há reflexos metálicos, de modo que é verdadeiramente de metal (é bastante interessante constatar que nas experiências anteriores, ao menos aquelas às quais assistimos, B.B. tinha apenas um turbante); o capacete desce quase até os olhos, ao nível das sobrancelhas que ele ultrapassa e ele é bastante alto de modo que sua altura ultrapassa por volta de um terço a distância que vai da sobrancelha ao queixo. Na fotografia IIIa vê-se, melhor que na III, essa grande altura do capacete sobreposta à parte superior de uma projeção redonda como alguns capacetes antigos da Idade Média. As orelhas estão completamente escondidas e invisíveis. Os panos revestem o capacete e caem sobre os ombros, antes do peito. Esse tecido está atrás da cortina cujas franjas se desenham sobre ele. Na parte inferior da cabeça está a queixeira que parece caída e que pende antes do peito; e há talvez ainda alguns vagos ornamentos sob o pescoço. Os panos, na parte superior, no lado esquerdo da cabeça, tem franjas que se destacam.

Essas franjas são melhor vistas no estereoscópio III *bis*. Ali também se distingue bem o aspecto metálico do capacete, que se projeta bastante antes dos olhos. Mas o que aparece muito evidente nesse estereoscópio é a superposição de planos. No primeiro plano, a franja da cortina; no segundo plano, um pouco para trás, a cabeça de B.B. e o tecido que cobre seu turbante e cai direto da cabeça, depois em um

terceiro plano Marthe, separada muito certamente de B.B. por um espaço vazio bastante longo. O tecido que cobre B.B. não atinge o chão. Ele termina se estreitando (como a ponta de um xale que cobre os ombros). Na parte inferior, entre a cortina e o vestido preto de Marthe, vê-se dois tipos de varas retas esbranquiçadas servindo de sustentação a esse estranho personagem. O tecido é branco e parece evidentemente de outro tecido, muito mais denso que os panos da figura I.

Quanto à figura IIIb, pode-se ver um aspecto singular do tecido no ponto onde ele cobre a cabeça de Marthe. Ali ele está totalmente nebuloso, em um plano posterior, que é o mesmo que o da cabeça de Marthe, de modo que o aspecto é de um tipo de coluna nebulosa e luminosa saindo da cabeça de Marthe e escondendo-a para formar um tecido que sobe e se confunde com o lado esquerdo de B.B.

Quanto à cortina, é com dificuldade que ela cai, um pouco afastada pelas costas de B.B. Há pouco a dizer sobre os outros personagens. Aischa está em seu lugar de costume, com sua pele negra com um brilho metálico e o lenço atado à cabeça. Reconhecem-se suas duas mãos negras cruzadas; pode-se constatar também que ela olha do lado de B.B. Em volta da mesa e perto da cortina, vê-se, de perfil perdido, o general Noël, depois a Sra. Noël, que esconde os olhos para não ser perturbada pelo magnésio, depois o sr. Delanne tirando uma foto.

Quanto a Marthe, cuja presença é tão importante de ser constatada, não se vê dela nem a cabeça nem as mãos, nem os pés. Vê-se somente suas vestes, mas é possível distingui-la muito bem. Primeiro o braço esquerdo, ao lado de Aischa. Parece que Marthe tem, então, tomado Aischa pelo pescoço, passando a mão algo magra de Marthe que está diante do pescoço de Aischa. Mas isso seria um erro, pois o que se vê no pescoço de Aischa é um tipo de lenço que ela tinha em volta do pescoço, de modo que não se vê a mão de Marthe. Entretanto, a manga parece vazia. Ela tem dobras esquisitas, como se ela tivesse sido presa por um prego na poltrona de Aischa. Portanto, observando mais de perto, não se pode assegurar que o vazio não está pleno. Fora isso, o resto do corpo de Marthe está sob as vestimentas que a cobrem, perfeitamente normal. O vestido está completo. Pode-se adivinhar que adiante estão os joelhos e que há um corte no cinto, que se vê muito bem. A blusa com um laço em forma de gola não é muito grande, mas

Marthe é bastante magra de corpo, então isso não surpreende e conhecemos a moda das camisas com pendentes que descem pelo colo. Acima do cinto se vê ainda uma pequena borda negra que é a parte superior do vestido. Não se vê o braço direito de Marthe.

Enfim, se compararmos as fotografias I, II e III, constatamos que o tamanho de B.B. é bem diferente em I de uma parte e em II e III, de outra. Em I, o tamanho é muito maior; a comparação pode ser feita tomando-se por ponto de referência o alto da poltrona sobre a qual Aischa estava sentada.

Capítulo 3

Discussão e conclusões

A princípio, como sem dúvida é esperado, não apresentarei nem teoria, nem ensaio teórico sobre esses fenômenos singulares. É já uma tarefa bastante pesada a de analisar sua realidade. Trata-se, então, unicamente de saber se há ou não alguma fraude. Se se devesse julgar por razões de ordem psicológica e não por razões de ordem material, não poderia se tratar de fraude. A absoluta idoneidade, irreprovável, certa, de Marthe B..., noiva de Maurice Noël, o filho do general, não poderia ser posta em questão.

No mais, antes que se descobrissem as faculdades mediúnicas de Marthe, já havia inúmeros fenômenos de materialização na vila Carmen, devidos à três ou quatro médiuns diferentes e a forma de B.B. igualmente era manifestada por esses médiuns.

Enfim, como as materializações aconteceram no gabinete, ora com Ninon ao lado de Marthe, ora com Aischa ao lado de Marthe, seria preciso ainda admitir a cumplicidade de Marthe, Ninon, Aischa, os quais têm, um para o outro, ao que me parece, sentimentos, senão de suspeição, ao menos de uma benevolência pobre.

Suponha que Marthe, filha de um oficial, noiva do filho do general, se entenda com uma negra e uma quiromante para odiosamente desapontar o sr. e a Sra. Noël há seis meses, isso seria perfeitamente absurdo. Pois nós insistimos nesse ponto, não pode ser uma questão de fraude inconsciente. Para usar esse capacete, esses panos, esse turbante, seria preciso todo um aparato muito complicado que Marthe não poderia ocultar de suas duas irmãs na pequena cidade onde elas moram e a cumplicidade desejada e prolongada de Paulette e de Mai viriam se juntar à de Marthe, de Ninon e de Aicha. Tal traição, tão habilmente manejada, seria impossível e a lealdade, a pureza e a simplicidade d'alma de Marthe não podem ser conjugadas a tal astúcia, de modo que os mais incrédulos são levados a crer em sua sinceridade.

Mas não é sobre esse terreno que colocaremos a discussão. Suporemos, ao contrário, o que é o inverso do bom senso e da verdade

e da verossimilhança, que Marthe engana, que ela é uma hábil e pérfida mágica, esperta e habilidosa. Trata-se de saber se essa agilidade e flexibilidade podem também nos dar a mudança.

Se eu insisto na personagem de Marthe é que para o fato toda enganação vinda de outras pessoas deve ser descartada.

1° Não há alçapões no cômodo;

2° O cômodo é visitado com grande cuidado a cada sessão e ninguém estranho pode se esconder ali;

3° Nenhuma pessoa pode entrar sem nosso conhecimento;

4° As pessoas que estão no cômodo, e que podemos ver e ouvir durante todo o tempo das experiências, não podem intervir diretamente pela produção mecânica de fenômenos que se passam atrás da cortina e longe delas;

5° Aicha, que também pode ser vista muito distintamente em quase todas as experiências, não está em causa, pois ela está sempre longe da forma de B.B; e, na seqüência da maioria das experiências, B.B. se mostra sem que Aicha estivesse fosse no gabinete, fosse no local.

De fato, eu repito, qualquer outra hipótese de charlatanismo deve ser descartada, salvo o maquinado com arte, de Marthe B. Mesmo esse charlatanismo não pode consistir em outra coisa senão isto: o de que ela se disfarça em B.B., leva sob seu vestido um capacete, diversos panos, um turbante, uma barba falsa, ornamentos complicados, e que, no pequeno gabinete onde ela se senta ao lado de Aicha, ela se despe para vestir os panos que ela teria escondidos sob seu vestido, e dispor, sobre a cadeira onde ela estava sentada, um tipo de manequim, com luvas que simulam as mãos; aparelhos (quais?) que simulam seu corpo, seus joelhos, seus braços; é preciso que ela vista esse manequim com seu vestido, sua blusa, que ela coloque acima da máscara (?) que simula seu rosto com uma verossimilhança perfeita, pois que ela retoma todos seus objetos, capacete, bigode, panos e manequim, para despir o manequim e escondê-los novamente sob seu vestido, tudo isso na presença e ao lado de Aicha.

Ora, manifestamente essa dissimulação com tantos aparelhos complicados é impossível, pois, como constatamos, Marthe tem

apenas uma pequena camiseta, muito fina. Ela é frágil, com um braço pequeno, um tamanho muito fino. Depois da sessão, essa camiseta fica encharcada de suor. Além disso, ela se fecha por trás por colchetes difíceis de abrir, assim como de fechar. Não é, então, nessa peça de roupa que ela pode dissimular todos esses panos e utensílios que aparecem com B.B. Seria em seu vestido? Mas ela usa vestidos bastante curtos, colantes, que desenham seu corpo. Ela vai, vem, corre, sobe e desce rapidamente as escadas, tanto antes da sessão quanto depois. Os panos volumosos que rodeiam B.B. não poderia ser escondidos por ela nessa fina vestimenta.

Mesmo que ela conseguisse, nada estaria explicado ainda, pois além dos panos seria preciso dissimular o manequim sobre o qual ela disporia suas vestimentas para dar a aparência de uma Marthe sentada em uma poltrona, aparência tão convincente que seria por um excesso de escrúpulo que eu não a reconheceria distintamente na pessoa sentada ao lado de Aicha, atrás de B.B., a quem víamos mover-se. De fato, eu ainda repito, B.B. é como um ser vivo, não é nem um manequim, nem uma boneca: é uma pessoa idêntica a uma pessoa viva e, se não é um fantasma, não pode ser outra pessoa senão Marthe.

Mas, contrariamente a todo bom senso, admitamos isso. Suponhamos que Marthe, a quem nunca revistamos nem atamos, possa trazer consigo todos os engenhos que servem a seu disfarce; seria possível servir-se deles? Parece-me evidente que não.

1º Em certos casos, o pano aparece, se agita e se move quase ao mesmo tempo em que a Sra. Noël está no gabinete. Em 31 de agosto, apenas meio minuto depois que a Sra. Noël deixou o gabinete, vimos pela fenda da cortina aparecer a tiara do capacete de B.B. e um pano flutuante. Em 29 de agosto, a cortina é puxada bruscamente, eu distingo muito nitidamente, sem contestação possível, Marthe e Aicha sentadas uma ao lado da outra. Não há dúvida de que sejam elas e eu as vi se mexerem. Ao mesmo tempo vejo um grande pano branco, como se cobrisse um braço, localizado muito alto, que consegue puxar a cortina e desaparece com a rapidez de um raio.

2º Não é suficiente fazer aparecer o pano, é preciso também fazer desaparecer. Ora, com frequência outras pessoas, por exemplo a srta. X, algumas vezes também a Sra. Noël, entravam, quase de

improvisado, no gabinete e nunca constataram nada. Os panos e B.B. desaparecem tão rapidamente quanto aparecem.

3° Eu não vejo como seria possível produzir o fenômeno da mancha luminosa, nascendo do chão e dando origem a um ser vivo. Nenhuma agilidade, mesmo a de uma ginasta profissional, pode produzir essa impressão que me chocou como uma prova categórica.

4° Sobre as fotografias vimos nitidamente três personagens, enquanto Aicha e Marthe estavam sós no gabinete. É impossível pretender que Marthe tenha se disfarçado de B.B. para deixar um manequim em seu lugar e vestir, nua, o pano e o capacete. Assim, onde estariam suas pernas e seu corpo? A cabeça está ereta e o busto vertical.

5° Alguns detalhes fotográficos são característicos: o tamanho grande da figura I, os contornos nebulosos e desfocados, a mão grande e o pano quase não materializados da figura I; a nuvem cobrindo o rosto de Marthe nas figuras II e III *a*, o aspecto diferente do tecido nas diversas fotografias: ora um turbante com pendentes, ora franjas etc.

São essas as razões, extremamente fortes, que militam a favor da realidade desses fenômenos, mas eu não me escondo pela força das objeções e haveria alguma infantilidade ao não apresentá-las em toda sua potência. Tanto é assim que todas as impossibilidades de uma fraude são tão improváveis quanto a de uma *materialização*.

Por que o corpo e a manga de Marthe, na figura 3, parecem óbvios? Por que não vemos a mão direita de Marthe? Por que, em todas essas fotografias, nunca se vê distintamente a figura de Marthe tão nitidamente como a de Aicha, por exemplo. Por que a penumbra é necessária nesse caso? Por que a figura de B.B. é tão próxima à que poderia ter Marthe se ela tivesse posto um grande bigode negro nos lábios superiores? Por que, depois que B.B. me prometeu que sua mão se fundiria à minha, eu não pude obter nada análogo enquanto eu tinha, entretanto, declarado que essa experiência era verdadeiramente *o experimentum crucis* fundamental? Por que quando B.B. sai do gabinete, andando ao nosso redor na sala, não nos é permitido tocá-lo?

Estão aí seguramente objeções muito sérias. Mas pode-se supor que o fenômeno, tão misterioso, tão miraculoso quase, que fica nomeado *materialização*, é acompanhado de uma forma de desagregação (?) da

matéria preexistente, de modo que a matéria novamente formada se forma às custas da matéria velha, aquela do médium e da qual o médium se esvazia, por assim dizer, a fim de constituir o novo ser, o qual emana dele e o qual não se pode tocar sem causar danos ao médium.

Se realmente Marthe fosse um palhaço hábil, se ela tivesse essa astúcia prodigiosa, ela certamente teria compreendido que uma manga vazia colada à poltrona de Aicha daria a impressão de uma manga vazia. Tanto é assim que nada seria mais fácil do que dissimular essa manga, como o resto do corpo atrás dos panos. Eu não temo dizer que esse vazio da manga, longe de *provar a fraude, estabelece o contrário, que não há fraude, e parece falar a favor de um tipo de desagregação material do médium que o médium é incapaz de suspeitar.*

Mas não posso ir mais longe na teoria. Ainda é muito cedo e novas experiências são necessárias. Não posso me enveredar em uma afirmação definitiva sobre o fenômeno, pois, apesar de todas as provas que dou, apesar de tudo isso que vi e toquei, apesar das fotografias, tão certeiras, entretanto, ainda não posso admitir em toda sua plenitude e com todas as consequências prodigiosas que desencadeiam o fato da materialização. É demais pedir a um fisiologista que aceite assim um fato tão extraordinário e improvável e eu não me renderia tão facilmente, mesmo com a evidência.

Todavia, entendi dever mencionar esses fatos, do mesmo modo que Sir William Crookes entendeu dever, em tempos mais difíceis, relatar a história de Katie King. Depois de tudo, pode ser que eu esteja enganado, mas a explicação de tal erro teria uma importância considerável.

E, então, o que dizer? Não creio que fui enganado. Estou convencido de que assisti a realidades, não a mentiras. Certamente eu não teria como dizer em que consiste a materialização. A solução desse fenômeno é, talvez, totalmente diferente daquela que ingenuamente dão os espíritas. Estou de tal modo pronto a sustentar que há algo de profundamente misterioso que mudará completamente nossas ideias sobre a matéria e sobre a vida.

Charles Richet

Capítulo 4

Sobre as fotografias argelinas do Sr. Charles Richet

O sr. Charles Richet acaba de me entreter com alguns fenômenos marcantes aos quais posteriormente assistiu em Argel; ele me mostrou algumas fotografias que foram feitas por ele e por outros, à luz do magnésio.

Parece que a luz pela qual assistiu-se aos fenômenos era produzida por uma lâmpada vermelha de fotógrafo, de tal maneira que o quarto escuro poderia ser exposto à objetiva a qualquer tempo, mesmo por uma meia hora, até que o sinal fosse dado para que se produzisse o clarão.

As fotografias feitas pelo sr. Richet têm a grande vantagem de serem estereoscópicas e darem também uma visão de três dimensões do espaço; além disso, elas descartam também todas as imagens devidas a alguma luz acidental que pudesse fazer impressões na foto, uma vez que essa luz não poderia coincidir com as duas visões da placa estereoscópica.

As fotografias representam uma figura coberta por tecido que parece ser a de um homem de quem se tem apenas o rosto e ainda assim não inteiro, uma vez que a testa e as orelhas estão escondidas e a boca está mais ou menos mascarada, seja por um bigode, seja por um bigode e uma barba. A parte superior da cabeça está escondida por um tipo de capacete na maior parte das fotografias – em uma delas por uma espécie de turbante; o pescoço está coberto como que por uma queixeira, o resto do corpo está completamente envolvido por um pano.

A figura está ora inclinada à frente em uma atitude bastante desconfortável, ora faltando suas pernas, já que o pano diminui e parece terminar na direção dos membros inferiores. Mas a figura fica em pé ou se apóia perto de uma cortina, o que faz com que a falta das pernas não esteja muito bem demonstrada.

Uma das fotografias mostra os contornos externos de uma mão, de um punho e de um antebraço, em parte cobertos pelo pano: o aspecto é de

uma mão e de um braço de homem, em tais condições. O “Fantasma” sustenta uma parte do pano que o cobre e que, na fotografia da qual tratamos, aparece especialmente mais fino e transparente, mas ele não parece estar precisamente atrás do pano, dir-se-ia que ele mesmo é de um tecido transparente, ou vaporoso, ou imperfeitamente formado. Nessa fotografia, o rosto está acima do quadro, percebe-se, então, apenas a ponta do nariz, o bigode espesso e o queixo. O corpo se apresenta como se estivesse mais alto e localizado num plano mais elevado que nas outras fotografias.

Em alguns desses instantâneos que foram feitos evidentemente por um único e mesmo *flash*, a queixeira parece estar acidentalmente caída em seis ou oito polegadas sobre o tecido, de modo que tem-se a ilusão de dever discernir o pescoço; mas, nessa figura, o queixo se encontra um pouco baixo, o que faz com que não se veja uma parte maior do rosto.

Comparando o rosto aos dos experimentadores ou dos médiuns, que estão visíveis em qualquer uma das fotografias, observa-se que ele parece menos completo e marcado que os outros; em alguns, pode-se mesmo considerá-lo mais como o esboço de um rosto – para empregar as palavras de Dickens em sua descrição de Chevy Slyme, Esq.; mas é incontestável que se trata de um rosto, seja ele natural ou artificial, e não de uma combinação acidental de luzes e sombras. Em algumas fotografias, parece uma máscara, mas na mais clara de todas, essa suposição parece improvável, e ainda em outras, somos levados a ver ali um verdadeiro rosto, de um aspecto cadavérico e pálido.

Os olhos estão fechados, creio, em todas as fotografias, ainda que em uma isso possa parecer duvidoso; as bochechas estão contraídas ou ligeiramente expressam uma careta, como acontece por vezes às pessoas que são ou que estão em vias de serem expostas ao brilho da luz de magnésio. O nariz é fortemente marcado e proeminente e as maçãs do rosto também são um pouco salientes.

Em uma das fotografias estereoscópicas, feita evidentemente em um momento diferente das outras, ainda que o aspecto geral da figura seja quase o mesmo, vê-se em lugar do “capacete” rudimentar, ou bem acima dele, um turbante; os pelos do rosto, que têm distintamente uma aparência artificial, sem dúvida são um bigode abundante e caído, enquanto em outras fotografias há talvez também uma barba. Nessa

fotografia pode-se ver uma parte maior da testa, sobre os olhos, do que nas outras. Mas o pano que cai dos dois lados da cabeça está, aqui, em posição e esconde quase completamente as bochechas.

Quanto à possibilidade de fazer penetrar máscaras e panos em um local que deve ser perquirido, ou de escondê-los até um dado momento, de arranjá-los na penumbra com habilidade suficiente para produzir uma aparência humana e de poder, em seguida, se livrar deles qualquer tempo antes do fim da sessão, enquanto a médium e a peça devem ser novamente verificadas, eu pediria aos experimentadores, e sobretudo ao sr. Richet, a permissão de dizer duas palavras e isso sobretudo para a figura principal, que deveria ser uma aparição anormal, ou um “fantasma” que se mostraria momentaneamente para desaparecer em seguida.

Aqui, como de costume, as fotografias por si só não teriam nenhum valor e se nós as tomarmos por elas mesmas, elas podem apenas fazer considerar um dos inúmeros truques que os fotógrafos podem facilmente arranjar quando não se exerce sobre elas o controle necessário. As fotografias não podem servir senão como um suplemento ao testemunho humano, mas elas são da maior importância como uma confirmação das observações visuais ou outras e dos fatos que o sr. Richet cuidadosamente me relatou.

Uma das fotografias estereoscópicas, que tem um campo de visão mais extenso que as outras, nos mostra cinco dos indivíduos presentes; o número total de assistentes (sem contar o fantasma) era de nove, mas três ou quatro deles, alguns ocupando-se em fotografar, estão naturalmente fora do campo visual.

Pode-se presumir que as pessoas presentes mais importantes são as duas que se encontram depois da cortina, nas imediações da aparição, em um canto do quarto que tinha sido anteriormente analisado e que o foi novamente no final da sessão. Uma delas é uma negra que alguns experimentadores julgavam dever ajudar na produção dos fenômenos, mas ela mesma não se interessava muito e estava bem à vontade quando sua presença foi dispensada. Seu rosto, suas mãos e suas vestes são todas fáceis e solidamente visíveis. Ela traz uma tira branca na cabeça para que se possa seguir seus movimentos quando o cômodo está iluminado apenas por uma luz vermelha, aguardando o

clarão do magnésio. Sua importância aparente fica contradita por isso aqui: o sr. Richet categoricamente me afirmou que fenômenos idênticos ou análogos se produziam quando ela não estava presente e seu lugar estava ocupado por outro alguém, ainda que, nessas ocasiões, ninguém tenha tirado fotos. A outra pessoa atrás da cortina é uma jovem de 19 anos, que é a médium titular e que, para nos entendermos, chamaremos “a médium”.

As fotografias não mostram nenhuma parte do corpo da médium – nem o rosto nem as mãos, mas elas mostram as vestimentas, que parecem estar como de hábito. O rosto está escondido pelo pano que veste o fantasma; isso foi feito para proteger a jovem do brilho produzido pela luz do magnésio. A razão pela qual as mãos se encontram escondidas é menos clara, mas em uma das fotografias o braço esquerdo está estendido na direção da negra e a mão está aparentemente escondida atrás das costas. A mão direita não está visível devido a posição da figura, desse lado. Se o fantasma não passar de um manequim vestido, deve ser essa mão que o sustenta.

Podemos também supor que a médium está de pé e personifica o fantasma, mas, nesse caso, é bastante difícil compreender como o vestido da médium pode ficar na posição que ela teria se ele cobrisse uma pessoa sentada na cadeira; entretanto, há um truque bem conhecido pelo qual, com a ajuda de uma cadeira preparada e de um hábil operador, pode-se obter um desaparecimento desse tipo.

A blusa e a saia da médium estão visíveis na maioria das fotografias; a primeira parece ser uma blusa branca, com alguns laços que caem ao colo; a cintura está presa em um cinto; a saia parece de uma cor negra ou escura e está visível em algumas fotografias, não até os pés, mas até um ponto igualmente distante dos pés de dos joelhos.

A saia branca da negra encontra-se ao lado da saia negra da médium e em algumas fotografias ela parece tocá-la; uma ponta da calça branca de um dos assistentes está visível do outro lado da saia escura, mas a uma certa distância. Na imagem estereoscópica, pode-se ver que esses dois objetos brancos encontram-se mais na direção do primeiro plano da imagem que a saia escura e que, segundo toda probabilidade, eles não a tocam; a saia branca, então, está apenas opticamente projetada sobre a outra.

A saia da médium, em todas as fotografias, parece arredondada e modelada, como se ela estivesse realmente projetada por alguém; em uma fotografia, a saliência arredondada dos dois joelhos está bastante perceptível. Sem dúvida, a saia escura está sustentada por algum corpo sólido, aparentemente as pernas da médium, de uma maneira absolutamente natural e comum. Se ela estivesse vazia, ela teria de ter sido sustentada por alguma carcaça sólida arredondada, para lhe dar uma aparência perfeitamente natural. O cinto também parece contornar uma cintura sólida.

Mas o mesmo não se pode dizer quanto à blusa e à manga, que caem de uma forma bastante desajeitada e falha, não como se estivessem vazias, mas como se aquilo que elas contêm estivesse contraído. A manga estendida em direção à negra pode conter um braço, mas esse membro deve ser bem magro. Todavia, não parece conter unicamente uma bastão; dir-se-ia mais que se trata de um alfinete picado no dorso da poltrona em que está sentada a negra. Essa aparência, entretanto, não está bem marcada e é improvável que realmente seja assim; não há ali, de fato, nada de incompatível com a presença de um braço magro no interior da manga. Além disso, percebe-se o local do cotovelo. Constatei a possibilidade de que um braço magro, estendido assim, e coberto por uma manga parecida, apresente um aspecto análogo àquele que se vê na fotografia. Apesar de tudo, à primeira vista pode-se apenas ficar sob a impressão de que a manga tem como que uma aparência vazia. Mas, se ela realmente estivesse vazia, não haveria nenhuma necessidade estendê-la e expô-la assim; se há uma farsa, ela é bem ingênua, enquanto todos os outros arranjos parecem hábeis. A blusa recai sem formas, mas não se pode afirmar que ela pareça vazia em todas as fotografias. Sem dúvida, ela não parece muito preenchida, mas recai-se sobre a hipótese de uma pessoa magra e ela parece mais modelada ou arredondada na fotografia estereoscópica do que nas outras.

De outro modo, sou levado a crer que a posição do rosto está fracamente visível através do tecido que cobre o “fantasma” e que parece ligeiramente modelado pelo queixo da médium, se esta última encontra-se realmente em sua posição visível, quer dizer, sentada em uma cadeira, na mesma altura que a negra. Nesse caso, a única maneira fraudulenta de produzir o fantasma, se não se recorrer à

hipótese de um comparsa, é a de supor que a médium se serviu de uma máscara que ela teria escondido, a princípio, e depois posto habilmente, e que ele segura em sua mão direita por meio de um bastão. Mas, sem falar das testemunhas que afirmam que a figura se mexia, sua boca falava, respirava regularmente e andava pelo cômodo, essa hipótese é bem arriscada, mesmo negligenciando a questão das investigações às quais a peça e os médiuns foram submetidos³. Entretanto, as fotografias, por si mesmas, não excluem a coisa. É observado – e isso não é desinteressante – que a figura da aparição assemelha-se, ao que se afirma, à da médium. É um detalhe que foi observado em casos análogos por outros experimentadores, notadamente por Sir William Crookes. Eu não vi fotografia da médium.

Nas fotografias estereoscópicas, vê-se em primeiro plano um traço luminoso. Ele é certamente objetivo e dir-se-ia o traço de passagem estreito de um ponto de luz. Afirma-se que algumas “luzes fluídicas” eram visíveis, mas não é dito que uma dessas luzes ficou visível nesse momento, enquanto a câmara escura estava exposta. Pode-se perguntar se ele não é devido simplesmente a um fragmento de magnésio ardente que escapou, mas ainda que não seja difícil que essa parcela tenha sido lançada de trás ao campo visual, que ela tenha brilhado por uma fração de segundo e que ela tenha caído em seguida, não é possível conciliar a trajetória desenhada com essa simples hipótese. Certamente, ele é devido a uma luz qualquer que se movia, mas eu não teria como dizer qual luz poderia ser esta. Ele parece ou surgir ou desaparecer perto da cortina e vir bem à frente, de modo que a parte mais considerável do rastro se encontre próximo à câmara escura.

Passemos agora às deduções gerais que se podem dar ao exame de fotografias, combinadas com as observações do sr. Richet. À rigor é possível, ainda que certamente nada fácil, arranjar uma máscara e uma vestimenta na meia-luz com a intenção de produzir efeitos fotográficos. Está claro, nesse caso, que a segunda pessoa que se encontra atrás da cortina deve ser um aliado; entretanto, mesmo assim, a hipótese não explicaria outros fatos: o falar, a respiração, a ação de

³ O professor Richet diz isso aqui: “é perfeitamente verdadeiro que B.B. possui os atributos essenciais da vida. Ele anda, fala, move-se, respira como um ser humano. Seu corpo é resistente: há uma certa força muscular”.

andar pelo cômodo. Eu preferiria supor que um segundo comparsa foi introduzido, o que a testemunha declara ser absolutamente impossível, ou ainda que a médium personifica o fantasma, deixando as próprias vestes e dispendo-as, por meio de algum estratagema estranho, de maneira a fazer crer que ela continua sentada na cadeira, enquanto na realidade ela estaria de pé e movendo-se. O professor Richet entende que é impossível, nas condições de controle as quais a médium foi submetida, que esta deixasse suas vestes e mudasse de lugar. Todavia, essa hipótese é, com a de um segundo comparsa, a única à qual se pode recorrer, se não se quer explicar os fatos por uma suposição igualmente impossível, quer dizer, a utilização extraordinária de alguma porção de matéria para a construção inconsciente ou automática de um fantasma que parece com a médium pelos traços do rosto.

Se isso não foi mais que a constituição ou a reconstituição de um verdadeiro fantasma objetivo, quer dizer, uma materialização, são fatos tão extraordinariamente graves; sua explicação não deixaria outra coisa senão pouca dúvida em meu espírito. Mas, considerando as consequências que se tem de admitir quanto a realidade de uma aparição tão anormal – a produção inconsciente da parte de uma médium honesta – eu posso apenas reservar minha opinião, dado que eu não tenho uma fechada. Eu sei bem que fenômenos análogos foram observados e declarados autênticos por intelectuais eminentes. Estes foram forçados, pela experiência pessoal, a admitir que esses fatos podem acontecer. Mas o testemunho atual não deve ser influenciado pelo passado: ele deve ser, ele mesmo, absoluto e substancial se deseja-se poder dar um apoio útil e válido às afirmações que outros já tenham feito antes.

O que as fotografias provam definitivamente é que a aparição de uma terceira pessoa atrás da cortina não era devida a uma alucinação ou a uma sugestão, mas que a mesma aparição que se manifestava aos olhos (e por vezes mesmo às orelhas e ao toque) – a mesma aparição que estava visível à luz vermelha de uma luminária – causou impressões exata e mais claramente ainda, com mais detalhes, na placa fotográfica, ao clarão da luz do magnésio.

Qualquer que seja a explicação real dessas fotografias, *elas são as melhores desse tipo que me foram dadas desde algum tempo; ao*

mesmo tempo em que as pretensas fotografias espíritas me deixaram até aqui a impressão de um arranjo artificial de algum truque fotográfico – para o qual há tantos possíveis – aquelas das quais nos ocupamos, quando as considero com as testemunhas que se referem ao modo como elas foram tomadas e desenvolvidas, trazem-me a impressão de serem de uma natureza fotográfica absolutamente autêntica. Além disso, as fotografias feitas pelos observadores diversos e independentes entre si confirmam-se mutuamente, e se há algum truque ou fraude nessa questão, ela não é de uma natureza fotográfica. Desejo, então, aproveitar essa ocasião para chamar a atenção pública sobre o relato detalhado do sr. Richet e de seus colaboradores, e às outras observações, especialmente as condições variadas nas quais o fantasma fez sua aparição.

De acordo com o testemunho de membros do círculos, não apenas a presença da negra era absolutamente desnecessária, mas não seria diferente com a jovem que designamos sob o termo de médium, uma vez que as mesmas personificações, acompanhadas de fenômenos visíveis e auditivos, já tinham sido obtidas com outros médiuns, na presença da mesma família e na mesma casa de Argel⁴.

Do conjunto das deposições e dos fatos, compreendo que não seria razoável supor que a figura fantasmática era devida, de modo normal, à jovem com quem ela aparecia. As fotografias permitem crer que ela se encontrava realmente em sua posição visível e que ela não participou de nenhuma personificação consciente; no mais, ela não pode ser considerada capaz de dispor de uma figura artificial, que se deslocasse, falasse e respirasse, como as testemunhas afirmam que a aparição fazia. Quanto a dizer se uma parte de seu organismo não era utilizada nesse objetivo, enquanto seu transe, por meios anormais, é uma outra questão que me abstenho de discutir. Se não se quer admitir algo anormal, pode-se apenas supor a introdução de um comparsa pago pela família. Mas o professor Richet declara que seria materialmente impossível que um homem tenha se escondido no cômodo ou que tenha penetrado por algum armário dissimulado ou

⁴ O professor Richet coloca aqui a seguinte nota: “eu vi a mesma aparição fantasmática em 1903, durante uma série de experiências muito curtas para que tivessem um valor científico e o médium era outra pessoa – uma mulher de trinta e cinco anos. Além disso, o Dr., dois oficiais da marinha X... e Y..., e outras pessoas, sem contar nossos anfitriões, viram o mesmo fantasma cinquenta vezes ou menos com a médium anterior”.

por uma porta, depois do começo da sessão, e que tenha partido antes que a sessão tenha terminado.

Concebe-se facilmente a tolice de tal procedimento da parte de uma família distinta; - o absurdo de supor que ao longo de um período de anos essas pessoas tenham podido se divertir, em seu círculo doméstico, pregando esses tipos de peças. Mas as testemunhas são tais que nos colocam na alternativa ou de ter recorrido a alguma hipótese extrema ou de recusar em aceitar os próprios depoimentos.

30 de setembro de 1905

Olivier Lodge

Capítulo 5

Sobre experiências recentes em Argel

por Senhorita X ...

Depois de ter lido o relatório do doutor Charles Richet sobre as sessões de Argel, devo constatar que os outros experimentadores não têm muita coisa a acrescentar. É possível ter, entretanto, um certo interesse em alguns detalhes quanto ao conteúdo que, em consequência à diferentes circunstâncias, estou prestes a trazer meu depoimento pessoal. Essas circunstâncias consistem sobretudo em:

1º Estive em Argel muito antes da chegada do professor Richet; a Sra. Noël e a srta. Marthe B... então me ofereceram gentilmente a oportunidade de assistir a diversas sessões;

2º Em quase todas as sessões eu fui autorizada a entrar no gabinete mediúnico: uma voz que vinha desse lugar me pediu frequentemente que eu entrasse ali no começo da sessão e por vezes durante a mesma. Assim, aconteceu de eu entrar no gabinete quase em seguida à forma materializada. Uma vez (8 de setembro), antes que eu tivesse tido tempo de retomar meu lugar no círculo, uma forma envolta em volumosos panos brancos abriu a cortina e se apresentou ao lado, e ligeiramente à frente, de Marthe, que eu havia acabado de deixar.

Se prontamente me aconteceu de entrar no gabinete, jamais me aconteceu de ver ali panos de nenhum tipo; uma vez ou duas pareceu-me discernir vagamente os contornos de uma forma, mas como eu segurava minha mão, eu não senti nada – o que me faz supor que minha impressão tivesse sido puramente subjetiva. Eu encontro em minhas notas que uma vez, surpresa pelo súbito desaparecimento de uma forma que eu tinha seguido no gabinete, perguntei se B.B. ainda se encontrava lá, ainda que escondido de minha visão e meu toque. Acreditei escutar uma voz responder afirmativamente; então, agarrando firmemente a mão de Marthe e de Aischa, pedi que me tocasse. Como resposta, senti, pois, uma mão pousar sobre minha cabeça, agitando os dedos como se se esforçasse para desfazer uma fita que eu tinha no cabelo. Cada vez que eu entrava no gabinete, eu

sentia geralmente esses toques, muitas vezes como se uma mão pousasse sobre minha cabeça, outras vezes como se dedos tratassem de me desfazer os cabelos. Uma vez, enquanto eu segurava estreitamente as mãos de Marthe e de Aischa, as palavras: *Seja abençoada!* Foram pronunciadas ao meu ouvido esquerdo – muito longe de Marthe para que fosse possível a ela colocar sua cabeça no lugar de onde vinham as palavras, sem que eu percebesse; ao mesmo tempo, uma mão pousava sobre minha testa.

A complexidade dos fenômenos e sua conexão íntima com o organismo da médium me apareceram em várias ocasiões. Por exemplo, eu disse há pouco *ter escutado uma voz e ter sentido os toques de uma mão enquanto eu estava certa de ter as mãos de Marthe e de Aischa nas minhas*. Mas eu não tardei em perceber que o menor relaxamento de minha parte era imediatamente aproveitado e que Marthe, em transe, simulava, então, os fenômenos de fala e de toque. Dir-se-ia que um esforço constante foi feito para evitar qualquer fadiga; que havia algum ser ficando constantemente desperto e desejando economizar o quanto possível da força desconhecida que produzia os resultados anormais aos quais eu assistia. Por exemplo, eu era geralmente chamada ao gabinete, digamos que para receber as instruções murmuradas por B.B. quanto a diferentes experiências que desejávamos fazer. De modo geral, a voz parecia vir do ângulo A (ver o diagrama no artigo do sr. Richet, número de novembro) a mais ou menos 70 centímetros de Marthe; mas, observando com atenção, percebi que a própria Marthe, inclinando seu corpo e cabeça para um lado, imitava com perfeição a voz “direta”. Tão logo me dei conta desse simulacro, aproximei minha cabeça à de Marthe, colocando minhas mãos sobre seus lábios e pedindo a B.B. que ele mesmo me desse as instruções, sem o intermédio de Marthe. Quase sempre, então, eu recebia a resposta tal como eu a desejava, ainda que muito frequentemente após ter esperado um período de tempo bastante prolongado.

Comumente, nenhum fenômeno acontecia no local das sessões enquanto eu ficava no gabinete, ainda que, como eu disse mais acima, os fenômenos tenham por vezes seguido minha saída de tão perto que era, a meu ver, absolutamente impossível que Marthe, por mais ágil que fosse, fizesse o papel de B.B. deixando um manequim sentado em

seu lugar. Eu disse que *comumente*, nenhum fenômeno acontecia enquanto eu estava no gabinete. Entretanto, houve uma exceção considerável. Durante a sessão de 3 de setembro, fui chamada ao gabinete por B.B., que me pediu para ficar ali. Eu me sentei na cadeira de Aischa, que estava, segundo aparentava, em transe profundo e estava deitada, imóvel, no chão, no ângulo B; ela não mexeu durante todo o tempo que eu fiquei no gabinete. Agora, afirmo ter tomado a mão de Marthe durante o tempo em que fiquei no gabinete; assim que sentei, tomei sua mão na minha e coloquei minha cabeça sobre seu ombro esquerdo. Eu não senti nenhum movimento suspeito de seus pés, nem nenhum esforço feito para libertar suas mãos. Salvo sua respiração suave, quase imperceptível, ela estava imóvel. Nessas condições, ainda que eu não pudesse ver nada, ouvi os assistentes exclamarem que uma mão branca, de mulher, agitava as cortinas e fazia sinais aos experimentadores. A mão, ao que parece, indicava que o professor Richet podia se aproximar da cortina. Encontro em minhas notas que o professor Richet me disse, ao final sessão, que ele pôde tocar e examinar essa mão, que era a mão direita de uma mulher. Ele não observou que essa mão, que era rechonchuda, parecia com a mão de Marthe, que é magra e ossuda. O professor Richet me disse também que sua mão foi levada ao gabinete e beijada; ele sentiu distintamente lábios humanos. Também o fizeram sentir algo que uma voz partindo do gabinete disse-lhe ser um tufo de cabelos e que ele achou parecido com a crina de um cavalo.

Agora, devo declarar categoricamente que eu segurei as mãos de Marthe durante todo esse tempo, que eu me dava conta perfeitamente do valor dessa experiência e que eu me sentia duplamente certa de que eu segurava as mãos de uma pessoa viva, da própria Marthe e não as de um manequim. Ainda que eu não tenha visto nada, nem mão, nem cabelos, nem forma humana, ouvi uma voz e alguns, mas não todos, nomes pronunciados por essa voz; posso afirmar que não era a voz de Marthe, pois, tendo meu rosto contra o seu, o mais leve movimento de seus lábios não teriam escapado.

Ao lado desse último episódio, permita-se que eu cite um outro para mostrar o que se pode considerar como esgotamento da força da médium, ou um esforço por economizá-la, ao invés de um engano voluntário.

Em 9 de setembro nós ficamos em sessão durante três horas sem obter nenhum fenômeno marcante. As cortinas estavam abertas, deixando Marthe e Aischa expostas a nossa visão. O único fenômeno que aconteceu foi o de uma mão coberta de um pano leve como musseline, e que se mostrou de tempos em tempos à esquerda de Marthe (à direita dos experimentadores); poder-se-ia supor que uma forma se encontrava no ângulo A da cortina, dado que a cortina apresentava por vezes os contornos de uma forma se inclinando para ela, ainda que os assistentes sentados em uma posição favorável – eu mesma e Maia – puderam ver, de um tempo a outro, uma forma humana de alto tamanho drapeada de branco que parecia estar atrás da cortina, no canto A. Enfim, em resposta às instâncias dos experimentadores para quem a forma se mostrou, uma voz vinda desse canto respondeu: “Eu consegui materializar meus cabelos”, de onde tiramos que a aparição não desejava se mostrar sem os cabelos. Dado que Marthe estava visível durante quase todo esse tempo, sobretudo quando apareceu a mão envolvida por um pano, a autenticidade desse fenômeno pode parecer inegável⁵. Enfim, uma voz vinda do gabinete me disse para eu me aproximar da cortina. Eu obedeci e me ajoelhei, tendo em minhas mãos a cortina, que provisoriamente haviam fechado. Então, por uma abertura da cortina, pude ver Marthe sentada em uma cadeira. Renovamos nossas instâncias para obter fenômenos, mas sem sucesso. Entretanto, após pedidos incessantes e reiterados ao suposto “espírito” para que ele mostrasse “ao menos uma mão” se ele não pudesse fazer mais que isso, vimos, de fato, aparecer uma mão. Mas estou perfeitamente certa de que era a mão de Marthe, porque eu a vi nitidamente se levantar de sua cadeira, passar sua mão através da abertura da cortina e agitá-la de uma maneira parecida àquela empregada pela mão “materializada” há alguns instantes – e isso em um momento em que eu tinha visto as duas mãos de Marthe sobre seus joelhos. Esse “automatismo” é facilmente explicável, ao que parece, pelas circunstâncias: nós nos encontrávamos no final de uma sessão relativamente negativa, que já durava mais de três horas.

⁵ O sr. Charles Richet nota que ele não pôde, então, distinguir nitidamente os traços de Marthe. Mas o sr. Richet estava mal localizado para que percebesse distintamente os traços de uma pessoa sentada no lugar onde Marthe estava. Marthe parecia sempre muito duplicada fisicamente quando uma luz caía sobre sua figura e ela se sentava sempre na sombra formada pela cortina na linha A (ver diagrama do qual já se fez observação) a fim de evitar os raios diretos da luz.

A admissão da incapacidade na qual a Inteligência se encontrava de materializar seus cabelos, a recusa constante de sair do canto da cortina – de onde, todavia, de tempos em tempos saía uma mão coberta de tecido, como que para encorajar os assistentes à paciência – com a confissão final de não poder fazer mais, tudo isso parece indicar uma falta de forças e a médium esgotada foi, muito provavelmente, sugestionada à simular a realidade das solicitações, estas reiteradas de uma maneira fatigante. Isso foi aí puro automatismo e mesmo dos mais ingênuos.

Em 3 de agosto, alguns dias antes da chegada do professor Richet, um fenômeno muito interessante se passou. Marthe encontrava-se só, no gabinete. Depois de ter esperado durante mais ou menos vinte e cinco minutos, ela mesma abriu a cortina em toda sua amplitude e se sentou em sua cadeira. Quase imediatamente, enquanto Marthe se encontrava completamente no campo de visão dos assistentes, e que suas mãos, sua cabeça e seu corpo estavam distintamente visíveis, nós vimos algo de um branco translúcido se formar gradualmente ao lado da médium. A princípio, parecia uma pequena nuvem próxima ao cotovelo direito de Marthe, dir-se-ia ligado a seu corpo; aquilo era muito móvel e se desenvolvia rapidamente, enfim tomando uma aparência um pouco amorfa de um pilar vaporoso se estendendo por volta de uns 65 centímetros sobre a cabeça de Marthe até seus pés. Eu não pude mais distinguir nem mãos nem cabeça: o que eu via parecia com flocos de vapor branco, de uma luz variada, que se condensava gradualmente, concentrando-se em torno de algum corpo para mim invisível. Esse fenômeno teve a duração de cinco a dez minutos, tempo em que não perdi as mãos de Marthe de vista, e ela as tinha cruzadas sobre seus joelhos. Em seguida, as cortinas foram novamente fechadas – dessa vez por uma força que certamente não era normal dado que Marthe não tinha se mexido e que ninguém, entre os assistentes, havia tocado as cortinas.

O sr. Charles Richet não falou senão dos fenômenos que se reportavam à figura central de B.B. Mas eu creio dever relatar um incidente curioso que se passou em 5 de setembro:

Uma gatinha, sem ser notada, tinha seguido os experimentadores no local das sessões. Ela saltou sobre meus joelhos e parou durante mais ou menos uma meia hora. Enquanto isso, aconteceram alguns

fenômenos: uma mão envolvida por panos abriu as cortinas, deixando Marthe e Aischa expostas à visão dos assistentes; essa mão, sempre mais ou menos encoberta por tecidos, se mostrou frequentemente. Eis que de repente a gata desce de meus joelhos, corre em direção ao gabinete e salta sobre os joelhos de Marthe. Entretanto, sua atenção parecia atraída por algo que se encontrava no ângulo A do gabinete. Os assistentes perguntaram “Para onde ela olha?”. Uma voz vinda desse canto respondeu: “ela me vê”. Essas palavras foram acompanhadas pela ação, quer dizer, que uma mão coberta de panos apareceu e começou a brincar com a gata; esta se prestou ao jogo, agarrando firmemente o pano. Mas, de repente, a gata deixa o pano, vira-se em direção ao ângulo B do gabinete, comportando-se como se ela estivesse na presença de algo hostil: ela se resigna e suspira. “Ela vê um outro gato”, disse a voz no ângulo A, e ao mesmo tempo um longo *miau* parte do ângulo B. a gata saltou dos joelhos de Marthe e retorna ao círculo, fixando-se nos joelhos de Paulette. Ouvimos ainda duas vezes o seu *miau-miau* no ângulo B, após o que, de repente, uma massa negra e sem forma apareceu sobre os joelhos de Marthe. Ela ficou ali durante dois minutos aproximadamente, depois desapareceu. Seu desaparecimento foi notável, pois ela pareceu desvanecer pouco a pouco, o que fez com que eu me perguntasse se o fenômeno foi uma realidade ou uma alucinação. Naturalmente, o miado pode ter sido imitado por Aischa, mas podemos nos perguntar se um gato, nesse caso, poderia ser enganado de modo a ficar arisco. Resta ainda explicar essa estranha massa escura que se mostrou nos joelhos de Marthe, que tinha justamente as dimensões de um gato negro grande e que apareceu e desapareceu de uma maneira tão estranha, sem nenhum movimento aparente da parte de Marthe e de Aischa.

Os fenômenos dos quais fala o professor Richet nas páginas 655-656 aconteceram em três momentos diferentes antes de sua chegada em Argel: Uma massa luminosa pareceu se formar sobre o chão (à frente da cortina), se desenvolveu rapidamente em uma linha vertical, até tomar as proporções de uma figura drapeada alta que parecia se divertir ao descer e desaparecer tão rapidamente quanto apareceu. Mas a descida e o desaparecimento foram absolutamente silenciosos, enquanto que, nas circunstâncias das quais o professor Richet se ocupou, elas foram acompanhadas por barulho.

Eu vi várias vezes B.B. tomar uma das mãos de Marthe e segurá-la; pareceu-me, geralmente, nessas ocasiões, que sua mão estava como que sem vida e que a manga de suas vestes estava quase vazia, de modo que a mão parecia cair inerte. Nesse caso, o episódio seguinte pode ter um certo interesse devido à inteligência que ele prova da parte do fantasma: durante a experiência fotográfica de 31 de agosto, antes que se acendesse a primeira deflagração do magnésio, B.B. levantou-se um pouco à frente de Marthe, perguntou se sua posição nos convinha, explicando que ele devia esconder os olhos de Marthe, a qual poderia sofrer com o brilho do *flash*.

Foi dito a B.B. que era essencial que Marthe fosse reproduzida no mesmo negativo que ele; então, ele deixa o braço esquerdo de Marthe e, colocando a mão dela em torno do pescoço de Aischa, pergunta se isso seria suficiente, repetindo que era preciso esconder os olhos de Marthe – e podemos ver na fotografia que isso realmente foi feito (fig. III). Quando ele deixa o braço de Marthe, fiquei chocada pela aparência vazia da manga e confesso que um medo nervoso e incomum me tomou num rompante, perguntando-me se essa manga que parecia vazia não tinha sido posta antes por alguém como prova de fraude. Eu reconheço aí que foi um sentimento muito anticientífico, mas eu o expus para mostrar o quanto eu tinha ficado impressionada por essa aparência de vazio.

A fotografia da qual se trata (fig. III) não mostra o braço e a mão direita de Marthe, mas, alguns instantes antes do *flash*, vi perfeitamente Marthe levar ao rosto à mão em questão, como que para proteger seus olhos. De fato, uma das posições favoritas de Marthe era a de ficar sentada assim, com sua mão direita na cabeça.

Eu não consigo entender como Marthe e B.B. poderia ser uma só ou mesma pessoa, apesar da forte semelhança que há entre os dois, semelhança que aumentava cada vez que Marthe se encontrava só, no gabinete, sem Aischa ou Ninon. Eu raramente me afastei do lado de Marthe, ao menos durante uma hora antes ou depois da sessão. Se ela escondia um manequim sobre sua pessoa com os outros objetos necessários, é difícil, senão impossível, compreender como ela os tomava. Ela me acompanhou em longas caminhadas, por vezes *imediatamente* após a sessão, subindo colinas com agilidade; no gabinete, eu sempre senti vestimentas saturadas de suor; sua anágua,

de musseline leve ou de cachemire, colando atrás da cintura e aderindo ao seu corpo; jamais estava em desordem, nem um grampo fora do lugar, etc, como aconteceria se ela fosse arranjar-se para colocar um manequim em seu lugar.

Enfim, pelo que fica de minha experiência e de minha convicção pessoal, era materialmente impossível que ela tivesse feito o papel de B.B., deixando em seu lugar um manequim vestido com suas vestes, pois aconteceu, não uma, mas várias vezes, de se ver B.B. ou uma mão coberta de panos imediatamente antes de minha entrada no gabinete ou imediatamente após minha saída. Por exemplo, quando, em 3 de setembro, a cortina se abriu, Marthe e Aischa se encontravam inteiramente visíveis para os assistentes e os panos brancos foram vistos dos dois lados da cortina, ao mesmo tempo. Nessa circunstância, fui chamada ao gabinete enquanto esses panos estavam visíveis. Entretanto, quando entrei ali, não se via ninguém e Marthe e Aischa não tinham se mexido; a aparição devia, então, ter se esvaído de uma maneira anormal, ao que se pode entender.

Capítulo 6

As sessões de materialização da Vila Carmen

*Os relatos de dois outros experimentadores*⁶

Relato do sr. X...

Senhor Diretor,

Eu vos envio minhas observações sobre os fenômenos de materialização que aconteceram durante várias sessões às quais me foi possível assistir em diversas ocasiões, ao longo dos últimos quatro anos, na casa do general e Sra. Noël, vila Carmen, Argel.

Eu falarei apenas de fatos que, por certas particularidades ou devido a condições nas quais eles se passaram, tendem a dar a prova da realidade, da objetividade do fenômeno, a prova de que: 1º o fantasma (completo ou não) é um objeto distinto do médium; 2º que ele apresenta alguns sinais e atributos de vida, apesar de não ser um ser vivo normal.

As primeiras sessões das quais tomei parte aconteceram em abril de 1902. Nessa época, a única médium era a Sra. Vincent G..., que vinha regularmente como costureira na Vila Carmen; ela não era absolutamente uma médium profissional e não exercia senão perto da Sra. Noël as faculdades que essa dama tinha descoberto e muito provavelmente desenvolvidas em si. As disposições da sala das sessões e do “gabinete”, fechado por uma cortina dupla em um ângulo da peça, sendo exatamente as mesmas que aquelas que o sr. Richet indicou para as sessões de agosto de 1905. Os assistentes, em média em número de cinco ou seis e que nem sempre eram os mesmos, se sentavam em torno da mesa localizada a apenas um metro das

⁶ Julgamos útil publicar as passagens mais interessantes dos relatos de X... e Y..., sobre algumas sessões de “materialização” que aconteceram em Vila Carmen, Argel, em 1902. De início, esses relatos que contêm vários detalhes interessantes que contribuem para o esclarecimento e confirmação dos relatos que apareceram posteriormente nos Anais. Em seguida, os fenômenos dos quais será lida a descrição oferecem a mais alta vantagem de terem sido obtidos por um outro médium que não a srta. Marthe B.... Enfim, fora o general e a sra. Noël, o grupo estava inteiramente diferente daquele que assistia às sessões em 1905. Inútil acrescentar que, ainda que não possamos publicar os nomes de X... e Y..., devido à posição oficial que ocupam, conhecemos pessoalmente esses dois intelectuais, cuja inteligência e caráter sério só podem dar peso à sua relação.

cortinas, deixando livre a região situada à frente do gabinete.

As sessões começavam regularmente por uma “preparação” da médium, que, sentada no gabinete, era posta em transe hipnótico pela Sra. Noël. As cortinas eram fechadas em seguida, e esperava-se a realização dos fenômenos.

A iluminação era dada sempre por uma lanterna à velas, fechada à frente por um vidro vermelho. Enfim, eu sempre me certificava no início de cada sessão de que ninguém estava escondido no local (gabinete incluído). Além disso, a iluminação era suficiente e constante, uma pessoa não poderia entrar sem ser vista no gabinete pela parte da frente, constituída pelas cortinas, ou pela parte superior, coberta permanentemente por tecido e distante do teto por mais ou menos um metro. Por outro lado, nenhum alçapão, nenhuma abertura poderia permitir o acesso ao gabinete por baixo (estábulo reformado) ou pelas duas paredes do pavilhão.

Sessão de 5 de abril de 1902 – Uma forma sai completamente do gabinete pela abertura das cortinas e retorna várias vezes. Em nenhum momento eu vi a médium desde o instante em que se fecharam as cortinas em torno dela até o fim da sessão, quando elas foram abertas para “revelá-la”. Tal é a característica geral da sessão que parece assim não ter nenhum significado, mas como eu pude, nas sessões anteriores, das quais falarei mais adiante, ver o fantasma *ao lado* da *mesma* médium, as observações que pude fazer nessa primeira sessão e na seguinte tomam desse fato uma importância real.

O aspecto do fantasma é o seguinte: Aparência de um ser humano de alta estatura (1m80 aproximadamente, mas a altura parece por vezes diminuir uma dezena de centímetros para retornar, em seguida, ao valor original), coberto por uma vestimenta completamente branca, que parece em certos momentos ligeiramente luminosa em si mesma; essa vestimenta tem a forma de um vestido longo que cai dos ombros ao chão; as mangas não se destacam na massa branca do vestido; não se distingue nem braço nem mão; o rosto está descoberto e se destaca bem sobre o fundo do material que cobre o alto da cabeça como um turbante e recai de cada lado da figura, de modo a enquadrá-lo completamente, como se vê na fotografia que foi feita no mês precedente: os olhos e o nariz são bem visíveis, mas a boca e a parte

inferior do rosto estão escondidas por um bigode e uma barba negra; a barba é espessa e muito longa desde seu início, na altura dos olhos.

Eis agora os fatos que apresentam um interesse especial:

1º O deslocamento horizontal do fantasma é excessivamente lento e regular; ele dá a impressão de *deslizamento* e não de caminhada; em certos momentos esse deslocamento parece acontecer com dificuldade, o fantasma parece vacilar, titubear e mesmo *ser trazido para trás* como se devesse, para avançar, vencer uma força que o atira em direção ao lugar onde *a médium deve se encontrar, se esta não tiver movido de sua cadeira.*



A um dado momento, o braço esquerdo do fantasma se destaca lentamente da massa branca de panos; ele se levanta e para na posição horizontal (fig. 1). O braço é sensivelmente mais curto do que deveria ser, em relação à estatura do fantasma; ele para perto de onde deveria estar o punho. Como o material da manga cobre completamente a extremidade do braço e pende sobre um comprimento de 20 a 30 centímetros, é possível supor que, se há sob o pano uma mão no começo do braço, essa mão está dobrada ao ângulo direito sobre o antebraço, os dedos apontando para o chão; mas, aproximando essa observação a impressões às vezes visuais e táteis que senti na sessão que aconteceu dois dias depois, a existência da mão no começo do braço tornou-se muito mais duvidosa. O que quer que seja, não se vê nada dessa mão, enquanto o braço é quase que inteiramente visível

pela transparência do material da manga, que parece muito leve; no mais, esse braço é de uma cor muito escura, moreno ou negro, e ele tem aproximadamente a espessura de sua estrutura óssea.

Eu acrescentaria que o fantasma entra sempre no gabinete “para trás”, sempre estando com a parte frontal para os assistentes.

A sessão é suspensa quando a médium, até então silenciosa, começa a gemer e a pronunciar palavras incoerentes.

Sessão de 7 de abril de 1902 – Muito boa iluminação da sala.

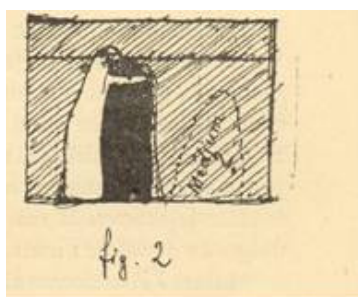
Eu ainda não vi a médium durante essa sessão. O fantasma só saiu do gabinete depois de 20 ou 25 minutos de espera; ele tem o mesmo aspecto que na primeira sessão.

Fatos interessantes para observar:

1º Uma vez antes de desaparecer no gabinete, o fantasma se volta para a direita e afasta a cortina da direita puxando-a com seu braço e esvaindo-se, como que para permitir que se veja a médium ou para deixar sair alguém do gabinete (fig. 2). De onde eu estava, vi apenas o fundo escuro do gabinete, a médium à frente encontrar-se no canto direito e, na seqüência, escondida pela cortina. Mas esse fato permite-me constatar que, de alto a baixo, as dimensões do fantasma em seus anteroposteriores são normais.

2º A Sra. Noël, de quem o fantasma estava próximo, estende a mão a ele, que a toma lentamente, inclinando o busto. Eu pude, então, ao me inclinar para frente, observar o braço do fantasma que se encontrava mais ou menos a 80 centímetros de mim: a mão é sempre invisível sob a extremidade da manga, que é do tipo evasê. A parte pendente do tecido (?) termina em ponta, como uma estalactite, mas *seu comprimento varia continuamente*, como se, sendo feita de uma substância elástica, uma tração vertical intermitente fosse exercida sobre ela, por uma causa invisível. A realidade dessa mudança de aspecto do material pendente livremente é confirmada por mim pelo toque alguns instantes depois, pois permitiram-me tentar tocar a mão do fantasma que, então, estende o braço (esquerdo) em minha direção. Eu me levanto, avanço a mão direita e tomo a extremidade da parte pendente da manga que observo atentamente de muito perto; é um tecido perfeitamente branco, parecendo com musseline. Eu o seguro

firmemente em minha mão durante uns trinta segundos e sinto que *sua consistência, ou, mais exatamente, a espessura, o número de dobras que eu seguro parece variar a cada instante*, o que corrobora a impressão visual mencionada mais acima; no mais, experimento na superfície dos dedos uma ligeira gastura, comparável à sensação que se tem quando passamos os dedos em uma teia de aranha um pouco espessa e percebo também formigamentos parecidos aos que se tem quando um corpo é atingido por uma corrente elétrica fraca. Esse conjunto de sensações me dá a impressão de que isso que seguro não é um pano comum, da matéria normal ou completamente constituída, à um estado estável; não posso deixar de pensar que a coesão está de cabeça para baixo ou combatida por uma causa desconhecida no seio dessa substância. As sensações táteis que ela produz não são as que dariam um tecido comum qualquer, musseline ou outro.



Procuro agora tocar a mão ou o braço do fantasma. Para esse feito, vou subir minha mão ao longo do material fixando seu contato, depois avanço no interior da manga o tanto quanto puder, inclinando-me acima da mesa que me separa do fantasma. A julgar pela distância que a mão percorreu, eu *deveria* tocar o braço ou a mão, ou ao menos o começo dos dedos do fantasma; mas meus dedos não encontram nenhum corpo duro. Eu abandono, então, a manga e retomo meu lugar.

3º O fantasma estava ainda no gabinete, e, tendo alguém manifestado desapontamento porque ele não falava, escuto quase de repente o barulho de uma respiração regular e potente produzido pelo fantasma; essa respiração continua *de um só jato, de uma única expiração* (mais que aspiração), durante um tempo que avalio ser 30 segundos ou menos, sem parar para “retomar a respiração”, como se a quantidade

de ar armazenado fosse enorme ou se renovasse constantemente. Tal fenômeno me parece totalmente inimitável por um ser humano comum, sobretudo pela médium cuja constituição não é muito forte. O barulho produzido é comparável ao de uma forte ventilação. Em seguida, o fantasma, aparentemente com esforço, emite três pequenos gritos inarticulados semelhantes aos de uma criança no berço.

Até o presente, nada poderia provar de modo absoluto que o fantasma não é a médium transformada, mascarada etc..., e fazendo um papel bem difícil, é verdade, se refletirmos sobre certos detalhes de fatos relatados mais acima. Porém, a sessão seguinte (que aconteceu um ano depois das duas primeiras) muda totalmente de aspecto e vai reforçar os fatos precedentes, pois o fantasma e a médium são vistos, então, simultaneamente.

Sessão de 16 de abril de 1903 – Uma primeira vez o fantasma se mostra no limite do gabinete, as cortinas estando suficientemente abertas para deixarem ver a médium, sempre em transe em sua cadeira. As cortinas se fecham novamente e alguém aumenta a iluminação colocando na lanterna um vidro vermelho mais claro. *Nessas excelentes condições de iluminação*, o fantasma abre de novo as cortinas ou mais exatamente, as cortinas se afastam dessa vez quase que completamente, correndo as hastes do alto de madeira a deixar ver todo o interior do gabinete. Eu vejo perfeitamente: à direita, a médium sentada, a cabeça ligeiramente inclinada, os dois braços repousando naturalmente sobre seu corpo, *as duas mãos se destacando nitidamente* sobre seu vestido; e, à esquerda, o fantasma em pé, completamente separado da médium por um espaço de ao menos 20 centímetros. O aspecto da vestimenta do fantasma é sempre o mesmo, mas o rosto está coberto por véus que o escondem completamente. Ao cabo de alguns instantes, a médium, sem abrir os olhos, se levanta gemendo e tossindo de tempos em tempos, fica 10 ou 15 segundos em pé ao lado do fantasma, depois *cai subitamente* em sua cadeira, como uma massa inerte e faz barulho. De outro lado, em um momento em que a médium estava imóvel, vejo sair dos panos do fantasma, na altura da cintura, mexer durante alguns segundos, depois retornar aos panos, algo como a ponta de um braço, uma espécie de cotó, coberto de tecido branco e de uns vinte centímetros de comprimento. Esse fato vem em questão para mostrar que o fantasma,

que é absolutamente distinto da médium, não é mais que um simples pilar inanimado, coberto de panos e véus.

Assisti a novas sessões em maio, junho e julho de 1905. A Sra. Vincente G... não estava mais lá: a ou os médiuns eram as pessoas graças às quais o sr. Charles Richet pôde ver e registrar fotograficamente os fenômenos de agosto de 1905. Vi, ao longo dessas últimas sessões, fatos provantes ao lado de outros que o eram menos. Eu, em particular, escutei falar o fantasma (que eu via bem) de uma voz não timbrada, é verdade, mas bastante forte (a articulação das sílabas e palavras se associa aqui à emissão do sopro escutado em 1902, é um caminho em direção à palavra clara e timbrada). Mas essas sessões certamente não foram tão boas quanto aquelas ao curso das quais o sr. Richet presenciou e eu não encontro, nos fatos que anotei, particularidades novas tendo bastante força em vista da demonstração dos dois pontos tratados de se por à luz. Prefiro retornar aos fatos marcantes apreendidos nas três sessões que descrevi em parte e examinar um pouco seu valor sob um ponto de vista crítico.

A hipótese da fraude exercida pelas outras pessoas que não a médium é a primeira se considerar (não haveria como se tratar, bem entendido, de uma cumplicidade qualquer da parte de algum dos assistentes). Essa hipótese era também inadmissível, há três e quatro anos, se não para o último ano: eu sempre encontrei a sala das sessões e o gabinete iguais; quando a porte é fechada à chave, não existe nenhum meio de entrar na peça cujas duas janelas estão perfeitamente lacradas; de outro modo, tenho a certeza absoluta de que ninguém estava escondido nas sala e no gabinete no início de cada sessão; que não havia nenhuma outra pessoa senão os assistentes e a médium.

Resta a hipótese da fraude exercida pela médium. Eu posso dizer, da Sra. Vincente G... que ela era de um temperamento muito calmo; que ela não tinha pelas sessões das quais tomava parte como médium mais que uma atração medíocre, que ela não tirava *nenhuma vantagem, mas uma evidente fadiga*, do papel que ela preenchia por pura complacência. Mas tudo isso não apresenta mais que um interesse documental. A questão é a seguinte: A médium pôde realizar, ela mesma, o papel do fantasma ou fazer-se representar por um manequim?

Tomemos, a princípio, a última sessão, onde o fantasma e a médium são vistos lado a lado. Estando a médium perfeitamente reconhecida, pode-se apenas supor uma coisa, é que o fantasma é um manequim e que a médium tinha levado, escondidos em si mesma, todos os materiais necessários à confecção desse manequim: desde logo uma quantidade bastante grande de panos, depois o aparelho destinado a fazer a estrutura, seja reduzindo-lhe à sua mais simples expressão: um esqueleto da altura do fantasma tendo em uma extremidade desenvolvimento para desenhar a cabeça e na outra extremidade uma base ou pés pelos quais o conjunto repousava sobre o chão (pois o aparelho não podia ser sustentado pela médium cujo corpo inteiro, a cabeça e as mãos estavam bem visíveis e nitidamente separadas do fantasma). Pode-se facilmente imaginar tal aparato cuja cobertura seria reduzida ao se supor que o esqueleto era composto de vários pedaços que podem se acoplar e que o resto do aparelho se fecha nesse esqueleto (alguns pés de aparelhos fotográficos podem muito bem realizar esse papel). O fantasma, incluídos os panos, poderia assim caber em uma bolsa de média dimensão. Mas, durante alguns instantes, um tipo de braço se destacou da massa fantasmica e mexeu bastante, depois desapareceu; e isso em um momento em que a médium estava imóvel, as duas mãos bem visíveis. Esse pequeno fato complica estranhamente a solução do problema com um aparelho levado e disposto pela médium. Seria, então, necessário acrescentar ao aparelho fantasma um sistema de alavancas postas por um movimento de relógio. O aparelho, pois, se torna complicado, volumoso, caro: é perfeitamente improvável no caso de que nos ocupamos. O rosto e a boca da médium eram bem visíveis durante essa aparição do braço, não se pode mais considerar uma explicação ali por um pequeno balão de formas alongadas fixado aos panos, insuflado no momento desejado pela médium, por meio de um tubo de borracha, e esvaziado em seguida.

Tomemos agora as duas primeiras sessões em que só o fantasma era visto fora do gabinete do qual ele se distancia algumas vezes a mais de 2 metros. A única suposição que se pode fazer é que o fantasma é simplesmente a médium disfarçada, com uma barba falsa. Eu relatei mais acima alguns detalhes, algumas particularidades do aspecto do fantasma, de seus feitos e gestos, que tornam essa hipótese pouco

provável, senão inaceitável.

Não há como insistir quanto à dificuldade de que o fantasma pareça experimentar para se distanciar do gabinete (lentidão, vacilo, puxões para trás); tudo isso permite ser facilmente imitado. Mas, como explicar esse braço sensivelmente muito curto, *magro demais*, de uma cor tão escura, vista pela transparência do tecido muito fino da manga? Se esse braço se encontrasse entre mim e a lanterna que iluminava a sala, seria normal que ele se destacasse escuro sobre o fundo iluminado; mas, olhando o fantasma, eu tinha a lanterna à esquerda e *atrás de mim*; daí, como o tecido estivesse muito fino, deixando ver o braço, este, diretamente iluminado, deveria aparecer com a cor da epiderme, como o rosto e mesmo mais claro devido à fina camada de tecido branco que o recobria?

Por que eu não vi a mão na ponta do braço estendido, na primeira sessão, e por que não pude tocá-la na segunda, dois dias depois?

Por que essas impressões bizarras, dadas pelo contato do tecido da manga, quando o tive em minhas mãos, e por que a parte pendente dessa manga passava por esses alongamentos e encurtamentos sucessivos? Como a médium conseguiria, se ela estivesse verdadeiramente aí representando o fantasma, produzir todas essas coisas sob meus olhos, até minha mão?

E como a Sra. Vincente G..., tal como a conheci, conseguiria sustentar durante mais de meio minuto essa respiração potente, enquanto eu mesma não poderia produzir o mesmo fenômeno de expiração senão por mais que 4 ou 5 segundos?

Tudo isso me parece bem dificilmente imitável, sobretudo pelos meios sumários dos quais poderia dispor a médium, supondo um momento que ela tenha querido usar de fraude. Tudo isso parece-me bem anormal ou, mais ainda, sobrenormal.

Eu sei bem que quanto a uma cena, utilizando todos os truques da magia e todas as fontes científicas e industriais, com a habilidade e aparelhos aperfeiçoados, uma pessoa fazendo o papel do fantasma poderia, sem dúvida, imitar muito fielmente tudo isso que foi posto em questão. Mas não se considera isto aqui: não mais que um fantasma mecânico autônomo ou “comandado à distância”.

Como conclusão, eu vos diria que, apoiando-me no conjunto das observações feitas ao longo de três sessões das quais me ocupei dessa carta e ao longo de várias outras, observações às quais vêm se juntar outros elementos de prova e sobretudo as fotografias do fantasma, a princípio só (março de 1902), depois ao lado da médium (agosto de 1905), estou absolutamente convencido de que o fantasma é um ser distinto e independente (até certo ponto) da médium, um ser que possui as aparências e certos atributos de vida.

Relato do Sr. Y.

Sessão de 11 de setembro de 1902 – Eu me estabeleci no gabinete uma hora antes da sessão para dispor um aparelho fotográfico (que também não devia servir) e seus acessórios, ajudado por Vincente, que vai à casa⁷ procurar algo de que tenho necessidade. Verifico cuidadosamente durante esse tempo o gabinete e os móveis; nada de anormal. Tive a certeza de que ninguém poderia estar escondido lá. Converso com Vincente, que está alegre, de muito bom humor; ela tem uma característica doce e prestativa. Ela me fala da General, que é muito boa para ela, mas ela acha que ela se ocupa demais do espiritismo, que ela não fala de outra coisa e que ela está errada de não pensar em outra coisa. Então, eu falo sobre seu poder extraordinário: ela me responde simplesmente, sem ter ares de dúvida quanto à importância de semelhante fato, dizendo que ela não sabe mais do que lhe contam, que ela não tem consciência de nada durante as sessões, que ela entra em transe rapidamente quando a general a magnetiza e que, ao despertar, ela se surpreende por estar ali.

Ela me confirma que uma vez, em Cherchell, ela viu B.B. que soprou sua vela por três vezes e lhe disse que sua filha, então em Argel, estava doente (ela tinha, na verdade, sofrido de uma leve indigestão); além disso, em Argel, desperta, ela o viu várias vezes.

Esse fato não parece ocupar de outro modo seu espírito; ela é ativa e deseja continuamente se ocupar, pensando constantemente na casa, em suas tarefas pequenas.

⁷ A sessão deveria acontecer na peça do primeiro pavimento do pequeno pavilhão, cujo térreo serve de garagem e o qual já foi abordado no relatório do sr. Charles Richet – Nota da R.

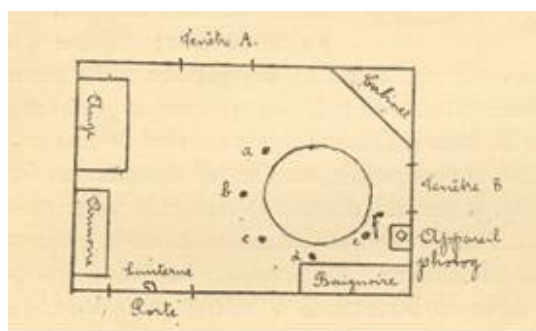
No gabinete, eu a fotografo ao magnésio, esperando a hora da sessão. Levanto em frente a ela em seguida; ela está impaciente para ver sua imagem, que vem rapidamente; mas a cabeça mexeu. Eu prometo a ela refazer em local aberto.

Nesses entretempos chegam a Sra. K... e a Sra. S.P... Vincente vai à vila encontrar a Sra. Noël, que a chama, e eu entro no pavilhão com essas duas damas.

Logo chegam o general, Sra. Noël, Luisa e Vincente⁸.

Esta última, sentada no gabinete, entra em transe rapidamente; anota-se a hora, 4h 11min, a duração da magnetização devendo ser de uma meia hora. Acende-se o gás; a porta fica aberta. Vemos o menor recanto da peça que visito de novo, minuciosamente.

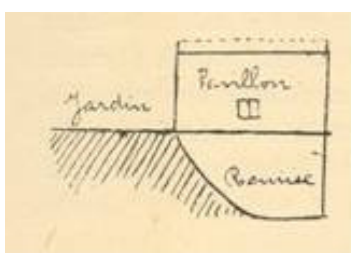
O armário diante de mim está cheio de pano e linho. Uma bacia (que ocupa um canto e onde um homem não poderia se alojar) está coberta de uma placa pesada sobre a qual são colocadas fotos e banhos fotográficos. A banheira, em outro ângulo, está coberta de uma toalha verde (verifico que não há ninguém dentro). As janelas estão lacradas e fechadas por cortinas atrás das quais um homem poderia se esconder. Verifico que ninguém se esconde ali.



No gabinete, as paredes são lisas e unidas (pintadas em verde escuro). Vistas à luz do dia, é impossível supor ali um esconderijo. O piso, coberto de um tapete, não ressoa quando eu salto; é, na verdade, um piso lajeado que fica sobre uma garagem cujo teto em pequenas abóbadas (tijolos e trilhos de ferro) é cuidadosamente pintado de cal e

⁸ Luisa era doméstica na casa da sra. Noël há alguns meses. Vincente vinha à vila várias vezes por semana como operária; ela interrompia seu trabalho de costura para tomar parte nas sessões e não recebia pagamento, assim como a médium. – Nota do sr. Y.

imaculado. Ele está a pelo menos 3m50cm do chão da garagem. O ângulo do pavilhão que serve de gabinete é, então, perfeitamente isolado. A 2 metros do chão do gabinete foi instalado um teto constituído por placas e uma toalha verde. O teto do pavilhão não apresenta nada de anormal. O teto está disposto em terraço, mas não se chega lá por nenhuma escada e, a 50 centímetros do teto, está disposta uma malha de madeira verde para preservar o interior de altas temperaturas. – o gabinete é fechado pelas espessas cortinas que podem deslizar pelo varão.



Sob a influência dos passes, Vincente entra em transe mais e mais profundamente; sua cabeça inclina-se pouco a pouco e logo toca seus joelhos; ela fica assim por algum tempo, depois se refaz e toma a posição original: assiste na poltrona, as costas contra o encosto rígido. Passada meia hora, puxam-se as cortinas, fecha-se a porta à chave, o general coloca a lanterna vermelha em cima da porta. Tomamos lugar em volta da mesa como indicado no esquema. Meu aparelho fotográfico está focado, com sua lente de 2 metros, na Sra. Noël, que está à distância (ele não servirá, a propósito). O general acende o gás e vem tomar assento.

Eu observo que se vê muito mal. Mal consigo distinguir os traços de minha vizinha Luisa, cuja cabeça esconde, em parte, as cortinas do gabinete. A luz da lanterna é sobretudo projetada sobre a parte da parede entre a janela A e o gabinete. Nós nos acostumamos com a penumbra depois de algum tempo; mas, mesmo assim, a iluminação me parece bem falha.

Após um quarto de hora, vemos no espaço cercado pelas cortinas, espaço de cor homogênea até então, uma fenda negra devida à abertura da cortina. Escuto um atrito característico de panos de seda saindo do gabinete: Vincente naturalmente não usa nada de seda, ela

estava vestida com um vestido de algodão listrado de cinza e branco e um grande colarinho branco engomado, dobrado sobre uma gravata de cetim azul claro, formando um grande nó.

No mesmo instante, o general declara ver B.B. Percebo na fenda negra um raio branco que vai até o alto das cortinas e logo esse raio aumenta, as cortinas se afastam bastante, sem barulho, e eu me encontro na presença de um grande personagem coberto de panos, do qual não posso distinguir os contornos mais que vagamente; o alto do corpo, a cabeça em particular, está invisível; é uma massa de panos, eu vejo a dobra do tecido, mas não posso distinguir muito. O tecido é muito branco, mas não parece mais iluminado do que pode comportar a lanterna fraca. Comparando com o vestido da general, constata-se o mesmo grau de iluminação.

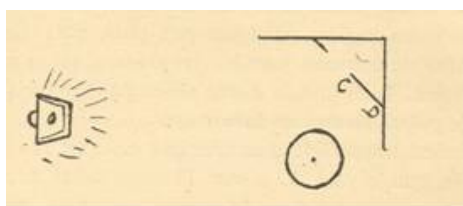
Nessa aparição, a general e a Sra. S.P. encorajam B.B. à se aproximar; ele faz movimentos falhos para frente e para trás, sai um pouco mais, depois finalmente desaparece de novo atrás das cortinas, que se fecham sem barulho. Três vezes o mesmo fenômeno aconteceu antes que eu pudesse distinguir mais.

Para mim, é impossível assegurar que não é Vincente coberta de panos que eu vejo ali, à parte a impossibilidade de supor escondida sobre ela ou no gabinete uma tal quantidade de tecido.

A cada aparição, B.B. é saudado por gritos de encorajamento dessas damas, a general sobretudo, que lhe grita brincando: “aproxime-se, caro guia, não tenha medo, não tenha nenhum temor!”. E, lembrando-se de uma particularidade da última sessão, ela exclama: “Mas, por exemplo, não venha como da última vez, com pés de cabra, o senhor já me fez bastante medo!”. Isso se reporta ao fato de que essa última vez, B.B., cujos pés raramente se vê (jamais, mesmo), que ficam escondidos pelo tecido, veio com o vestido que não ia inteiramente até embaixo, o que permitiu ver duas varas enegrecidas no lugar das pernas, e sem pés, ou quase sem pés.

Nós ficamos, em seguida, um bom tempo sem ver nada, depois a cortina abre-se bruscamente; escuta-se o barulho dos anéis sobre os varões e vê-se Vincente em transe na cadeira. Espera-se ainda mais um instante, depois de repente a médium levanta, senta-se de novo, levanta-se de novo, parece descontente, e, por movimentos bruscos

para frente e para trás, verdadeira autômata estática que se espera ver cair, ela consegue tomar uma cadeira e levá-la para baixo da lanterna vermelha. Da mesma forma, após esforços inúmeros, ela consegue subir na cadeira e orientar a lanterna de modo a clarear muito melhor a mesa e o gabinete; ela levanta ligeiramente a mecha e meus olhos, que não a deixam, vêem sua mão agitada por um forte tremor conseguir, entretanto, manejar a chave da lâmpada para dar mais luz (essa lanterna é à óleo e de vidro vermelho em três faces).



Ela desce, em seguida, e retorna sempre por movimentos bruscos ao gabinete. Ela sai logo, como à contra gosto, vai tomar a cadeira que ela tinha deslocado e a retorna a seu antigo lugar. Ela retoma, depois, sua posição sentada e nós vemos a cortina, Vincente não fazendo nenhum movimento, se fechar lentamente de modo a ocultá-la aos nossos olhos de uma quantidade C D.

Escuta-se então uma voz, diferente da de Vincente, que parece sussurrar em sua orelha; ela responde algumas palavras e a vemos ir e vir à mesa onde ela se esforça, em vão, para falar. Ela parece procurar; depois, fazendo o gesto de alguém que esqueceu o que tinha dito, ela leva para trás a peça da cortina. Ali, escuta-se de novo uma voz que fala com ela, repreendendo-a: essa voz disse fortemente a palavra: *sentido* ou *sessão*⁹. Vincente se precipita para fora do gabinete e, feliz, nos diz: “sessão!”, depois ela sai de novo: Nova conversação: ela retorna um momento depois “Sessão sábado 4 horas”.

Ela então vai se sentar novamente, não esperamos mais muita coisa; pouco depois, de fato, escutamos a verdadeira voz da médium exclamando: “Madame! Madame! Fogo!”. É frequentemente assim que terminam as sessões. O general diz para acender a luz. Eu risco um fósforo e me precipito em direção ao gabinete, enquanto o general

⁹ Nota da tradução: na língua francesa, a palavra *sense* (sentido) tem uma sonoridade muito próxima à da palavra *séanse* (sessão).

abre a porta. Eu abro a cortina largamente e encontro a médium meio desperta, dizendo: “Meus cabelos queimam”. Nós a tranquilizamos, ela fica estupefata durante cinco minutos. A testa está rosa, a figura repousada. Todo mundo sai da sala, exceto eu. A porta é aberta às 5h45.

Sessão de sábado, 13 de setembro. – Esperando a hora da sessão, como a porta do pavilhão está fechada, apronto meu aparelho para a fotografia de um grupo no jardim; é Vincente que fica encarregada de abrir a objetiva; ela, então, está conosco e não pôde dispor de nada no pavilhão. A sessão deveria acontecer às 4 horas, eu cheguei às 2 horas: o gabinete está fechado à chave e Vincente está no primeiro pavimento da casa, trabalhando. Depois de ter fotografado o grupo, eu fotografo Vincente sozinha¹⁰.

A hora se aproxima; a sra. Noël e Vincente entram no quarto das sessões seguidas, algum tempo depois, pelo general, Sra. K..., Sra. S.P... e eu mesmo. O gás é aceso; agora a sala está bem iluminada, eu faço minha inspeção; tudo está normal. A médium entra em transe pouco a pouco; sua cabeça logo chega a tocar seus joelhos, fica cinco bons minutos nessa posição, depois se refaz. Eu coloco no gabinete uma pequena banquetta com papel branco e um lápis. Durante uma meia hora a Sra. Noël magnetiza a médium com passes longitudinais, muito curtos, de uma mão ou de duas, conversando conosco sem parar sobre uma coisa e outra (o primeiro momento é determinado pela fixação dos olhos; quando a médium tem a cabeça sobre os joelhos, os passes se fazem sobre a nuca). Tomamos lugar na mesma ordem que na última sessão, desde que a magnetização terminou. O general fecha a porta à chave.

¹⁰ Nota sobre Vincente. – Tamanho mediano, 35 anos, aparência inteligente e doce, olhos azuis e finos, cabelos louros, muito magra, bochechas salientes, olhos muito fundos, tez rosa. Ilustrada (eu li uma carta cheia de falhas de ortografia e escrita como que por uma criança). Sofreu uma operação grave aos 25 anos, desde então teve vários vômitos de sangue, uma pleurisia, uma apendicite. Tem uma filha de doze anos. seu marido é pedreiro, ela costureira. Ela era lanterninha no teatro, mas agora uma vaga de zeladora.



Após aproximadamente um quarto de hora, sinto muito vivamente passar sobre o dedo um sopro fresco vindo do gabinete. A Sra. K... tem a mesma impressão, as pernas da Sra. S.P. gelam (sensação de frio), também as da Sra. Noël, e a cortina entreabre deixando ver uma fenda negra. Há mais luz do que na véspera. Eu vejo distintamente todos os traços de minha vizinha da direita (Luisa) e quando ela se vira em minha direção. Distingo a massa homogênea, o quadro das cortinas do gabinete, atravessado pela banda negra que acaba de aparecer sem barulho e sobre esse quadro, a sombra da cabeça da Sra. Noël, que se mexe. De repente, como na quinta-feira, parece na fenda negra a brancura (que toma toda a altura) da aparição; pouco a pouco, essa tira branca toma forma tal como o desenho em questão. É o fantasma clássico. Eu distingo essa vez (o que não vi na última) o círculo negro do rosto sobreposto de branco.

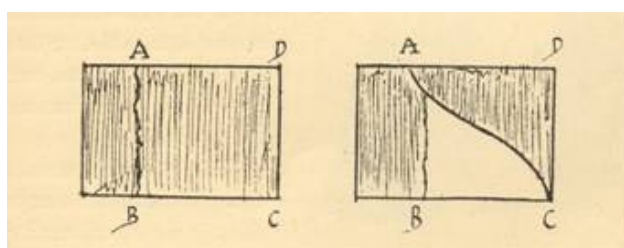
À direita do fantasma eu vejo como que fosforescências; o traço é impossível de fixar; é vago e confuso, aparentando mangas caídas em certos momentos. Embaixo e à direita do vestido, vejo a sombra da cabeça da Sra. Noël, movimentando-se, agitando-se, como anteriormente sobre a cortina. A aparição é saudada por exclamações de todos; encorajamo-a a vir, a se aproximar, mas pouco a pouco, ao contrário, ela desaparece. Ela retorna cinco minutos depois, uma segunda vez, depois desaparece de novo.

Perguntamos, então, se ela acha que há muita luz e pedimos que mostre, nesse caso, o braço na abertura das cortinas. Percebemos vagamente um branco e, a pedido da Sra. Noël, a lanterna é ligeiramente retornada como estava no começo da primeira sessão.

Logo depois (a primeira aparição aconteceu 20 ou 25 minutos após o

início) escuta-se movimento no interior do gabinete; o mesmo sopro fresco é sentido por minha vizinha da esquerda, Sra. K..., eu não sinto nada; mas, levantando o dedo, sinto logo o sopro que passa evidentemente acima de minha mão para ir do gabinete em direção à Sra. K...

Imediatamente após o sopro sentido, vê-se a cortina elevar-se em direção ao canto D, de modo a deixar ver o interior do gabinete: de hábito, ela se abre deslizando sobre os varões do alto; hoje, ela parece levantada por um cordão (que não existe) e que ia de B a C.

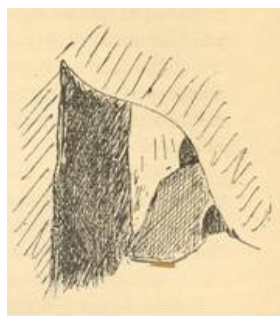


Eu percebo, então, no quadrante assim formado, a saia quadriculada cinza e preta da médium e na parte superior a brancura da aparição.

Depois a cortina recai.

Cada um, então, pede que ele recomece, uma vez que ele parece querer se fazer ver com a médium e que ele recomeça melhor.

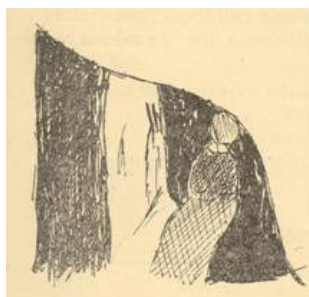
A cortina se eleva novamente pelo mesmo procedimento e eu escuto Vincente tossir ligeiramente como que para apontar sua presença. Distingo dessa vez também a saia listrada, o colarinho engomado, muito branco, de Vincente, contrastando à direita da aparição, da qual eu não vejo mais a cabeça. O croqui representa o que eu vi.



Depois a cortina se fecha.

Vincente levanta, vem à mesa e, como na véspera, ela não lembra mais o que ela queria nos dizer. Várias vezes ela termina dizendo: “Sessão segunda-feira 4 horas. Cerveja, limonada. Eu virei à mesa. Eu beberei. Levarei à médium a bebida. Depois, perfumarei todo o grupo”.

Em seguida, ela retorna às cortinas, volta e diz: “eu vou acordar a médium à mesa”. Ela volta, de fato, vai pegar uma cadeira, senta-se, a cabeça sobre a mesa e um minuto depois, desperta e exclama: “A pequena gritou” (sem dúvida sua filha). Ela está desperta, acendemos as luzes, ela tem um ar levemente aturdido.



Segunda-feira, 15. Sessão às 4 horas da tarde. – Eu tirei foto no pavilhão de 1h30 às 2h30. Depois, conversei com Vincente, que estava muito agitada e chorava: ela tinha escutado a Sra. Noël dizer coisas desagradáveis sobre ela e sobre sua filha. Furiosa, ela queria partir e ela me assegura que depois de sua partida ela não retornará mais... Eu a acalmo e lhe falo do espiritismo: é a última de suas preocupações. Ela é totalmente ocupada de seu marido, seus filhos, filho e filha, e me descreve seus problemas: seu marido (úlceras no estômago) mal pode trabalhar e não tem muito tempo; ela não procura, entretanto, fazer-me apiedar de sua miséria, mas entende que a conduta da general sobre ela não é o que ela deveria ser.

Ela não parece ter consciência de suas faculdades mediúnicas e não fala disso senão quando eu a provoço: ela me diz ter visto, desperta, quatro vezes Bien Boa. Ela não dá muita importância e não consegue dizer da quarta aparição. (A primeira vez, voltando do teatro, ela o viu em sua escada; na segunda, aos pés da cama de sua filha; na terceira,

em Cherchell; sua filha o viu uma vez estando só em sua casa; ela soltou gritos tais que toda a casa veio acudir).

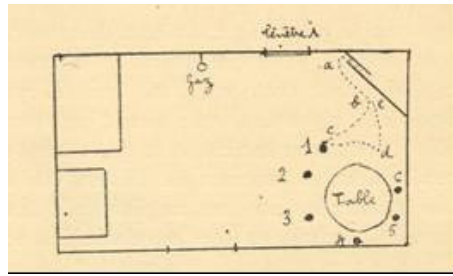
Ela volta, então, sobre os problemas com a Sra. Noël; ela a escuta falar mal do pedido que me fez, de fotografar ela e sua filha, e se recusa com muita dignidade em fazê-la vir amanhã. Ela vai ter um serviço de portaria e não será mais lanterninha; isso a agrada muito, mas ela lamenta pelo teatro. (Ela terá 30 francos por mês e o aluguel. Seu marido, pedreiro, ganha, quando pode trabalhar, 6 francos por dia. A Sra. Noël lhe dá 2,50 francos por dia de trabalho. Tudo isso para mostrar o quanto ela parece estar agora contra sua patroa, que ela não precisa dela para viver e que, nessas condições, quanto a fraude, no fenômeno que eu vi e que vou rever logo, não poderia vir dessa infeliz cuja magreza e olhos fundos me causam pena.

A hora da sessão chega.

Depois de ter novamente verificado tudo no quarto das sessões, eu fecho a porta e dou a chave à Sra. Noël, que entra com a médium no gabinete. Vincente queixa-se de forte dor de cabeça; ela entra em transe rapidamente, logo após. Sua cabeça vai tocar seus joelhos, depois se refaz.

Nós tomamos assento na ordem habitual, o grupo composto das mesmas pessoas que no sábado.

Ao cabo de aproximadamente vinte minutos, a aparição parece se formar em *1*. A cortina, estando em duas partes, a maior fechando inteiramente o gabinete, pela frente, creio que B.B. deve ter deslizado entre as duas partes da cortina e se apresentado em *a*. Ele fica ali, grossa massa branca, um pequeno momento, e vem pouco a pouco até o *2*, diante da mesa. Ali, eu o distingo melhor que de costume, sem, contudo, ver seus traços; seus cabelos me parecem mais altos que sábado e eu vejo uma corpulência que ele não tinha da última vez. Eu vejo todas as pregas de suas vestes. Ele eleva o braço direito muito, muito lentamente; esse braço me parece muito longo e, uma vez levantado, ultrapassa bastante a altura do gabinete; ele parece quase tocar o teto. O outro braço se levanta de uma certa quantidade, como indica o desenho.



Depois ele abaixa o braço e se inclina, como para saudar.

Ele se levanta e avança em direção à General. Eu vejo distintamente a dobra feita no tecido por uma perna, depois pela outra. Ele para no caminho, parecendo me olhar; eu paro de fixá-lo, a conselho da Sra. Noël; o efeito é imediato; ele faz três passos rápidos e se coloca próximo a ela. Eu o vejo, então, próximo a ela. Eu o vejo, então, inclinar-se lentamente, a mão direita avançando na direção dela, tomar a sua, e levá-la suave e lentamente à seus lábios; ela me diz senti-los quentes e bem formados. Eu o vejo, então, de lado; vejo sua fronte branca quando está baixada; mas não posso distinguir nem os olhos nem a barba. Vejo as grandes dobras do véu, mas as mãos ficam invisíveis. Ele não parece se iluminar, nenhuma luz particular emana dele. Depois de endireitar-se lentamente, ele vem de 3 em 4 virado em minha direção. Ele estende o braço direito lentamente em minha direção, muito lentamente, quando eu o vejo bastante avançado, eu me levanto de minha cadeira e estendo a mão; ele recua então francamente e eu seguro apenas um pedaço da manga. (A manga parece ser só uma parte do véu que o envolve). É flexível, leve, muito fina e sedosa como a musseline de seda. Nenhuma sensação de vibração ao tocá-la. Eu sinto que ele puxa para si muito fortemente esse material que eu seguro e eu solto: ele então volta, recuando-se para o gabinete, e desaparece.



Sobre a mesa em torno da qual dispomos garrafas de cerveja destampadas, copos e a limonada; ao cabo de dez minutos ele retorna; ele parece, dessa vez, bem *b* e avança a passos contados até a senhora Noël; ali, ele estende o braço direito. O general cuida de colocar limonada em um copo; a Sra. Noël bebe alguns goles e o coloca na mão da aparição, que o eleva pouco a pouco. Eu vejo o copo subir lentamente; a mão do general o ajuda até minha altura (ela sentia a mão recair sem força se ela a soltasse).

A partir daí, a mão sobe ainda mais lentamente e chega, enfim, ao rosto do qual não vejo os lábios. A cabeça se volta ligeiramente para trás. Ele parece beber... Depois, ele mostra o copo à Sra. Noël, que me diz constatar que ele bebeu por volta de um terço do líquido. Eu não pude verificar. Depois dessa constatação, ele retorna muito rápido, caminhando, ao gabinete, e desaparece atrás da cortina, sempre com o copo.

Escutamos Vincente gemer, tossir, cuspir como alguém que é forçado a beber contra sua vontade. Depois ele volta; logo sentimos um forte odor de vinho se espalhar. Ele estende o copo à Sra. Noël, que o passa de mão em mão; nenhuma dúvida: é vinho tinto. Saboreamos o vinho: é vinho tinto misturado com limonada! (Que seja notado que na casa

Noël há apenas duas garrafas de amostra de vinho tinto que eu constato, depois da sessão, estarem seladas e cheias. Dizem-me que na casa de Vincente jamais se toma vinho). Bien Boa desaparece de novo em recuos para o gabinete.

Alguém reclama o perfume prometido no sábado, sobretudo a Sra. Noël. Então, Vincente sai do gabinete e, depois de uma série de idas e vindas, resistente, esquecendo o que ela acabara de dizer, retornando então ao gabinete onde se escuta uma respiração rouca e potente, acaba, por fragmentos, nos dizendo: Sessão, quarta-feira 3 horas. Carmencita nunca contente. Dado perfume de bebedores. Perfume de bebida”. Ela retorna, então, e depois escutamos: “Madame, que água, que água! Eu vou me afogar”, com a voz natural de Vincente, depois: “Eu tenho enjô”. Precipitamo-nos, acendemos o gás, eu acendo um fósforo no gabinete. Vincente aparece, cabelos desfeitos, olhos de pânico. Abrimos a porta cuja chave tinha ficado na fechadura; dentro, um lenço por cima para impedir o dia de penetrar. São 7h10.

Sessão de quinta-feira, 18. Eu faço, antes da sessão, as mesmas verificações que de costume, o mesmo grupo se constitui e dez minutos depois, entramos em sessão. As cortinas entreabrem. Ela sai, avança pouco a pouco; eu distingo o movimento das pernas. Ela se aproxima da Sra. Noël e se inclina. A boina me parece mais alta que o usual; ela tem uma forma de um cone e o véu recai de cada lado do rosto, que distingo melhor que de costume. Eu vejo a barba negra espessa, os traços do nariz e as sobrancelhas, mas não vejo os olhos. Sua mão esquerda se eleva então lentamente e eu distingo o braço magro, através do tecido. Ele toma a mão esquerda que a Sra. Noël lhe estende e a leva a seus lábios.



Ele se volta então de meu lado, recua lentamente, a face em direção à mesa, até as cortinas, depois desaparece. Cinco minutos após, ele reaparece, as cortinas abertas, ele parece querer avançar, ligeiramente curvado, mas vemos os cordões da cortina que passam diante de seus cabelos e parecem prendê-lo. Das duas mãos ele nos envia beijos, depois desaparece. Vincente tosse levemente: ela está resfriada e tossiu todos o tempo desde que entrou em transe, aproximadamente cinco minutos. Supomos que os cordões atrapalharam Bien Boa e Louisa vai cortá-los com seu canivete.

Após dez minutos, B.B. reaparece, avança dessa vez muito rapidamente em direção a Sra. Noël, estende-lhe a mão, toma a sua e a baixa novamente, depois ele avança em minha direção num oblíquo à esquerda e me estende francamente a mão esquerda. Eu distingo seus traços sem ver seus olhos e estendo a mão para ele. Eu sinto, a princípio, o tecido fino já sentido, depois chego à mão, da qual sinto os dedos rígidos, o polegar fechado, através do tecido. Ele a retira ao meu contato, eu mesmo afasto a mão, depois ele a apresenta novamente para mim; mesma sensação, mas dessa vez, eu elevo a musseline que a cobre, sinto a pele rígida e *fria*, como a de um cadáver. Eu faço meus dedos correrem sobre esse membro gelado. Eu sinto os dedos rígidos de uma pequena mão tensa e de punho endurecido. Eu tomo então essa mão na minha e a sacudo muito levemente: sinto que o braço e o antebraço participam do movimento. Todo o membro tem a rigidez e a frieza cadavéricas.

Ele se afasta um pouco e estende a mesma mão a Sra. K..., minha vizinha da esquerda, que me disse depois da sessão ter sentido os dedos rígidos e frios (1). Ela não moveu o membro. (Sra. Noël jamais

teve essa impressão, disse ela adoecida. Nesta mesma sessão, sentiu sobre sua mão, enquanto ele a beijava, os lábios quentes de Bien Boa; a Sra. S.P..., que, também ela, foi frequentemente beijada, teve as mesmas impressões e as mãos quentes e ágeis de B.B. frequentemente brincaram com os cabelos dessas damas; elas as sentiram sobre suas bochechas e ele as beijou a todas sobre os lábios).

Depois de ter dado sua mão à Sra. K..., B.B. recua, lança com um belo gesto seu braço esquerdo, muito estendido, em direção ao céu, parecendo quase tocar o teto do gabinete, depois ele desaparece de novo.

Pouco depois, escuta-se Vincente gemer: “Oh! Aqui, aqui!”, resistir, depois a respiração muito forte – como jamais escutei tão forte – de B.B.; Vincente termina por sair e ir tomar uma cadeira que ela leva para o gabinete. A cortina então se abre; eu vejo B.B. sentado na poltrona e a médium à frente; vejo apenas sua saia, mas a Sra. Noël e a Sra. S.P... me dizem ter visto muito bem o fantasma e a médium, que foi colocada diante do gabinete de modo a tocar as cortinas. Depois as cortinas caem novamente para levantarem após cinco minutos. Eu vejo, então, Vincente por inteira e um pouco de branco a sua esquerda; a Sra. Noël e S.P... exclamam ao mesmo tempo em que Bien Boa está agora à esquerda da médium; depois, as cortinas voltam a cair.



Escuta-se, então, o barulho de uma discussão entre Bien Boa e Vincente. “Não, eu não quero me levantar, eu não quero”, exclama Vincente. Depois é a respiração rouca, estranha, que se prolonga para além do que poderia produzir um homem comum e uma voz cujas palavras eu não posso distinguir, que procura persuadi-la. Depois a respiração cessa. Dez minutos passam. Vincente geme. Acendemos a

luz. A sessão termina.

Sessão de sexta-feira, 19. Entramos em sessão às 4h30, nas mesmas condições habituais. Entretanto, foi colocada uma cadeira ao lado da poltrona onde senta-se a médium. Às 5 horas, acende-se o gás e fecha-se a porta.

Logo depois, escuta-se a respiração rouca de B.B. A cortina se levanta depois de um certo barulho no interior e eu distingo Vincente sobre a cadeira, eu vejo todo seu corpo, sua cabeça (sem reconhecer os traços), a brancura de seu colo, suas mãos. B.B. está de pé, a sua direita, um pouco inclinado sobre ela. Eu não vejo os traços de B.B. mas distingo bem seu penteado e o negrume do rosto. A médium agita a cabeça e tosse levemente. Eles ficam assim, as cortinas levantadas durante cinquenta segundos a um minuto, depois a cortina cai.



Ao cabo de um quarto de hora, escuta-se Vincente gemer; a mesma luta de ontem recomeça: o fantasma quer que ela faça algo que ela não quer. Ela resiste: “Não, não”. Ele parece insistir: respiração rouca. Enfim, escuta-se algo mexer no interior do gabinete. A cortina entreabre ao invés de levantar e eu vejo, a princípio, sair Vincente; eu não distingo seus traços, mas vejo muito bem toda sua forma: saia, blusa, gola, braço, rosto e cabelos. Depois B.B. sai do gabinete, parecendo apoiá-la com o braço direito, ultrapassando em muito sua cabeça; seu braço esquerdo está levantado e abriga seu rosto. As cortinas se fecham novamente atrás dele e eles ficam lá, os dois, de pé. Vincente, apoiada por B.B., um pouco inclinada sobre a direita, tossindo de tempos em tempos.



(Vincente está muito resfriada e, desde o início da sessão, ela tosse muito, ainda que em transe. Nota-se que B.B. parece fazê-la tossir cada vez que ele se mostra com ela, como para mostrar bem sua independência).

Eu vejo o braço direito de Vincente se agitar; distingo também seu braço e sua mão esquerda. Eles ficam ali, nós temos a esperança de que eles se aproximem da mesa; mas ao cabo de um tempo que eu avalio perto de um minuto, eles entram novamente no gabinete. Pouco depois, Vincente desperta; a sessão termina.

Após esse relato detalhado das sessões, o qual foi escrito ao final de cada uma delas como um relatório, sem a preocupação com as repetições e a costura do estilo, é útil insistir sobre algumas considerações que foram apenas indicadas no curso do relato ou que não tiveram lugar nele.

Durante minha estada em Argel, eu fui particularmente instado a estudar a médium Vincente e tive a convicção absoluta de que todos os fenômenos que suporiam, em caso de fraude, um conhecimento aprofundado da literatura espírita para sua imitação com os fenômenos análogos e uma maquinaria complicada, não poderiam, em todo caso, provir de um embuste da parte de sua família que vive muito miseravelmente, seu marido estando constantemente doente.

Eu sempre tive o trabalho de não perdê-la de vista antes das sessões: eu tive toda liberdade, nesse sentido, e frequentemente eu passava a hora que precedia as sessões conversando com ela, sempre com um olho na única porta do pavilhão de experiências. Algo a considerar, pouco comum entre os médiuns, ela não tinha nenhuma consciência

da importância desses fenômenos e admitia os transe como uma chatice algo fatigante para não desagradar seus patrões. Ela não era paga para isso e não atingia senão sua jornada de trabalho de operária, a Sra. Noël preferindo, com razão, não retribuir de modo especial essas novas funções. Eu quase sempre vi Vincente abandonar um trabalho de costura para uma sessão de materialização e retomar, logo após seu despertar, um trabalho qualquer de arrumadeira ou cozinheira, sua saúde estando longe de sofrer por isso.

As outras pessoas do grupo, fora a Sra. Noël e o general, não faziam, nessa época, parte constante e o fenômeno acontecia na ausência de um ou de outro, ou mesmo em ausências simultâneas. Parecia, então, impossível se encontrar em melhores condições do meio; qualquer fraude não parecia poder vir senão de pessoas externas ao grupo procurando divertir-se as suas custas. Além disso, uma mistificação que dura há longos anos, em diferentes cidades, para os diversos fenômenos desse gênero obtidos na família Noël e há mais de oito meses (setembro de 1902) e quase quatro anos (setembro de 1905), para a formação de B.B. é bem difícil de aceitar. A impossibilidade de produzir alguns fenômenos físicos parece, para quem os estudou de perto, o mais seguro fiador de sua realidade.

Eu interroguei várias pessoas que tinham, antes de minha chegada, assistido às sessões. Uma delas, sr. S.O., assegurou-me ter tocado uma das pernas da médium no gabinete enquanto B.B. estava perto da Sra. Noël. Ela viu o braço magro como um cano, a figura mal formada, os ombros lisos, o conjunto deslizar ao invés de caminhar. Essa pessoa, além disso, assistiu à formação de B.B. fora do gabinete sob a forma de uma bola branca turbilhante, de onde logo saía a cabeça e depois todo o corpo. Ela o escutou falar e dar conselhos morais.

Condensando os relatos de diferentes espectadores, constatamos que o fenômeno parece ter seguido uma progressão marcante; uma vaga forma branca dando gradualmente num ser a princípio incompleto, rígido, frio, membros magros, se animando em seguida pouco a pouco até a constituição normal de um ser vivo. A palavra, de início um simples sopro, se transformando pouco a pouco em sons roucos incompreensíveis e tornando-se, enfim, normal, depois de uma longa série de sessões.

Minha convicção íntima, após essas sessões onde a amabilidade da Sra. Noël e do general tinha-me deixado toda liberdade de controle, era de que eu não tinha sido enganado. Ela não variou desde então e todos aqueles que estudaram esse estranho fenômeno relataram a mesma convicção.

Capítulo 7

As polêmicas quanto às sessões da Vila Carmen

Um jornal de Argel publicou ulteriormente a informação seguinte: Conferência do Doutor Z¹¹.

O anúncio de uma conferência sobre Bien Boa, com reprodução exata das sessões da vila Carmen, tinha incitado os curiosos sobre o além a vir em grande número à universidade popular.

A reunião começou às 8h30 com uma exposição muito breve do doutor Z... sobre as inúmeras mistificações das quais a todo tempo foram vítimas o general e a general Noël. Entre outros fatos, este aqui extremamente típico e tão interessante que todos os atores ainda estão em Argel:

No número de janeiro de 1904 da Revista Científica e moral do Espiritismo aparecia o relatório de uma experiência verdadeiramente surpreendente que aconteceu na vila Carmen. Esse relatório era autenticado pelo general, a general, M. V..., muito conhecido no mundo intelectual da nossa cidade. Eis o relatório do qual se trata:

Em 18 de dezembro, nós, abaixo-assinados, constatamos que vimos o sr. Charles H..., sobre o convite da general Noël, tomar o lápis pela terceira vez apenas (tratava-se de mediunidade mecânica). Sabemos que o sr. H... não conhece o inglês e sabemos que ele jamais foi médium de escrita. Declaramos que apenas pessoas do grupo que conhecem o inglês são a general e o doutor X...

O general sabe apenas algumas palavras; enfim, os outros membros ignoram absolutamente essa língua. Nessas condições, os membros viram estupefatos o sr. H. traçar calma e metodicamente essas palavras:

My lovery Carmencita, bem calm and hope: consult your sister whenever consult... major Branhaudan arrives ¹². Aqui a mão do sr. H... parece ser violentamente tomada por uma outra influência, essa

¹¹ O nome do conferencista é dado inteiro pelo jornal em questão.

¹² Minha amada Carmencita, tenha calma e esperança: consulte sua irmã sempre consulte... o major Branhaudan chega.

mão bateu fortemente o papel, depois o lápis cai dos dedos.

Dando fé, assinamos:

Carmencita Noël, General Noël, doutores X..., V..., Ch. H..., L. H...

Eu declaro não saber inglês e ser absolutamente incapaz de escrever, eu mesmo, a frase acima mencionada. Além disso, eu ignorava absolutamente possuir essas faculdades mediúnicas. Ch. H...

Como se vê, nada falta nesse relatório de uma experiência, que se pode dizer a mais marcante de vila Carmen. A infelicidade é que se trata de uma simples farsa.

Três confissões de um mesmo tipo

O Doutor Z... recolheu do principal interessado e do signatário, cuja autoridade sobretudo deu fé, a confissão da piada.

O Doutor X..., que sabia inglês, tinha simplesmente feito com que seu cúmplice na farsa decorasse, antes da sessão, a frase em inglês. O doutor X... não previa, nesse momento, que seria feita a assinatura do relatório. Ele foi pego em sua própria armadilha e o confessa agora muito ingenuamente. Ele ficou até desapontado por uma brincadeira dessas ter podido perturbar a consciência de algumas pessoas que lhe escreveram para ter seu atestado particular e que ele tem, de resto, muito fielmente desfazer o erro.

Podemos ver, pelo que precede, como a simplicidade dos habitantes da vila Carmen pode ter sido explorada há dez anos por todos os pregadores de peça da cidade. A crônica local borbulha de anedotas desse tipo.

Certamente teriam entretido por muito tempo ainda o general e a general em sua doce ilusão se um fato de interesse da ciência não acontecesse.

O professor Richet deu a todas essas brincadeiras, até então inofensivas, o peso de sua autoridade. Aqui a coisa torna-se perigosa para a ciência e o sr. doutor Z..., ainda que esteja desesperado por prejudicar o general e a general, crê ser de seu dever revelar-lhes a verdade. O sr. doutor Z... acusa a médium srta. M. B... de trapaça.

Ele conta que em presença de duas jovens de nossa cidade, que não recusaram seus testemunhos, ela simula, fazendo graça, Bergolia, a irmã de Bien Boa. “Depois, há necessidade de tanta discussão? – diz o doutor Z... – eu recebi uma carta do general Noël que me declarou, falando da srta. M.B...:

Ela queimou o que ela adorava e adora agora aquilo que ela queimou. Em uma palavra, seu pai escreveu ao ilustre mestre Richet que ela tinha confessado que um alçapão existia em nossa sala de sessões e que todos os fenômenos obtidos aqui, com Richet e Delanne, devem-se à fraude.

E isso depois de nos ter servido de médium desde agosto de 1904 e ter, com a autorização de seu pai, deixado seu nome e o de suas irmãs aparecer todos os meses na Revista do sr. Delanne, que publicou o relato de nossas sessões...

Nós então temos, disse M. E..., a confissão de uma das pretensas médiuns, srta. M.B... Eu vou agora apresentar outro.

Este, Areski, cocheiro do general Noël, tinha já sido pego em fraude pelo próprio sr. Delanne. O sr. Delanne o declara formalmente na sua Revista de novembro de 1905, p. 528:

A lealdade, escreve ele, me traz o dever de assinalar que o cocheiro de arado de nome Areski foi pego duas vezes por mim, em flagrante delito de tentativa de fraude. A primeira vez escondendo-se em um reduto adjacente a sala de banho da Sra. Noël, onde golpes violentos eram dados contra a porta de comunicação de modo a fazer com que cressem na presença de um espírito mal e perturbador; a segunda vez escondendo uma peça de pano denominado haïk, no dossel da sala de reuniões, onde eu o descobri ao visitar o gabinete, um dia em que ele acreditava assistir a uma sessão, na qual, a propósito, nada aconteceu.

Esse Areski, que já havia sido, assim, surpreendido em flagrante delito, pareceu ser ao doutor Z... o cúmplice de B... M.Z... fez contato com ele e obteve a confissão de que era ele que fazia, em companhia de Marthe B..., o papel de Bien Boa. Melhor, nas instâncias do doutor Z..., Areski reproduzia em sua presença os ditos fenômenos da vila Carmen. Esses fenômenos, ele vai reproduzi-los aqui mesmo.

A aparição

A pedido do doutor Z..., baixamos todos os bicos de gás de modo que o local fica em uma meia-luz. Escuta-se logo, no gabinete, a materialização uma formidável série de golpes (são batidas, explica o doutor Z...). Depois, escuta-se um traspasse. As cortinas se agitam como se sacudidas por um vento forte.

A assistência, ainda que prevenida, está ansiosa.

De repente, no interstício, aparece das cortinas, deslizando de alto a baixo, uma forma branca indecisa; ela desaparece repentinamente e escutam-se suspiros sufocados, depois uma outra série de (batidas) rápidas. As cortinas ainda se agitam.

À altura do homem aparece uma forma de cabeça branca que, lentamente, muito lentamente, examina à direita e à esquerda, como para inspecionar os assistentes, depois a cabeça se retira também lentamente.

A cortina é puxada rapidamente para a direita.

Uma forma branca aparece: é Bien Boa, que desliza lenta e prudentemente sobre o chão, num ritmo hesitante.

Ele se abaixa, num movimento lento, insensível, depois refaz-se completamente, e tudo isso em um silêncio impressionante. De repente, violentamente, Bien Boa entra no gabinete. Ele procura ali os fluidos necessários. Ele reaparece, em seguida, por baixo da cortina, podendo-se escutar uma seqüência de batidas muito leves. Ele se aventura para fora da cortina e se apresenta ao doutor Z..., que sente seus pulsos. “Assim, diz ele, fez o professor Richet”. Bien Boa desaparece em seguida majestosamente no gabinete de materialização.

A sessão termina.

O doutor Z... pede que acendam o gás, não sem ter tentado produzir com o óleo fosfórico os fenômenos luminosos. Mas, a preparação farmacêutica foi mal feita e não se distingue mais que algo de uma mão brilhante e uma bola de algodão fosforescente.

Areski - Bien Boa

Assim que se acende gás, o doutor Z... apresenta Areski a seu auditório, vestido dessa vez à moda européia. “Areski, faz observar o doutor Z..., tem a pele bronzeada, tal como assinala o sr. Delanne”.

Como Areski, pergunta-se o doutor, poderia penetrar no gabinete escondido do professor Richet? Da maneira mais simples. Ele entrava no pavilhão com todo o mundo, ajudava a elevar os tapetes, a observar na banheira e sob os móveis. Depois, quando a atenção estava em outro ponto, ou logo que o gás, bruscamente aceso, não permitia aos olhos ainda não habituados à penumbra que se percebessem que ele deslizava no gabinete, Areski escondia-se no armário do canto esquerdo, dos panos que estava em exploração.

O doutor Z..., explica a srta. B..., também não se recusava a fazer seu pequeno Bien Boa. Assim explica-se a surpresa do sr. Delanne, que constatou que ora a mão da aparição era branca, ora morena.

Enfim, continua M. Z..., o sr. Delanne disse que em 29 de agosto “a cortina é puxada bruscamente; eu distingo muito nitidamente na contestação possível a srta. M e Aischa, a negra, sentadas uma ao lado da outra; não há dúvidas de que sejam elas e eu as vi moverem-se. Ao mesmo tempo, vejo um grande pano branco, como envolvendo um braço localizado muito ao alto, que consegue puxar a cortina e desaparece com a rapidez do raio”.

Era, termina M. Z..., o braço de Areski já vestido de fantasma!

Finalizando, M. Z... declara que antes de fazer sua conferência ele escreveu ao professor Richet para prevenir, de antemão, sobre suas intenções. O professor Richet não se dignou a responder. M. Z... fará uma comunicação no próximo Congresso de Lisboa.

Depois do doutor Z..., o sr. Verdier pede a palavra. Com uma coragem digna da melhor sorte, ele procura refutar os dizeres do sr. Z... Mas os assistentes, diante dos fatos materiais que acabam de ser postos aos seus olhos, não se deixam convencer por uma argumentação abstrata.

Tudo o que o sr. Z... anuncia sobre a fraude ou as fraudes da vila Carmen repousa, na verdade, sobre isto aqui:

Pôde-se, num teatro, mostrar um indivíduo que, coberto de um pano branco, fazia o papel de um fantasma, absolutamente como em *Cloches de Corneville*, e o público ingênuo logo concluiu que os fenômenos da vila Carmen eram fraudulentos.

O doutor Z... não precisou de grandes esforços de imaginação para exhibir à universidade popular de Argel um fantasma tão facilmente. Ele desejou mesmo mostrar os fenômenos luminosos empregando óleo fosfórico, mas seus conhecimentos em química não foram suficientes para alcançar essa pequena preparação.

Toda essa cena que se passava em um silêncio impressionante emudeceu os assistentes. Ela tinha algo de picante, o ator fazendo o papel de fantasma era o charreteiro do general Noël, um denominado Areski, despedido pelo general por imperícia e mentiras.

Como o cocheiro Areski entreviu? O doutor Z... nos ensina. É simplesmente entrando conosco na sala de sessões e isso por procedimentos que não parecem misteriosos, quer dizer, ao examinar conjuntamente conosco o tapete, a banheira e os móveis; depois quando a atenção estava em outro ponto, ele deslizava para o gabinete e se escondia atrás da cortina.

Ora, eu declaro formal e solenemente que, das vinte experiências, em média, das quais participei, nenhuma vez foi permitido à Areski entrar na sala de reuniões. Seus atos nos tinham inspirado muita desconfiança de modo que tomamos cuidado de tê-lo completamente afastado. Acrescento que foi impossível a ele tanto entrar quanto sair do gabinete e que, de todas as hipóteses de embuste que possamos imaginar, a de Areski ou de um outro personagem entrando e saindo escondido de nós é de longe a mais improvável. Ela é tão improvável que eu mal posso crer que ele possa ser tido como um indivíduo de bom senso, capaz de se atestar fé.

Essas são proposições inúteis que eu teria, por desprezo, lançado ao silêncio se o doutor Z... não tivesse desejado revelar ao universo essas maquinações de um doméstico despedido.

Restam as duas outras confissões, ou ditas confissões, que foram colhidas depois da pesquisa do doutor Z... Conta-se, a princípio, que um médico, de quem ele tem o pudor de não se apresentar o nome, teria feito a Sra. Noël decorar uma frase ridícula em inglês e em

seguida dar a ela, como prova, um poder mediúnico imaginário. E, bem! Eu declaro que eu não conhecia nada dessa história; que isso jamais foi questão em meu relato, que eu não sou responsável, de modo algum, pelo que pode ter sido dito e feito para além de mim¹³ e que eu lamento sinceramente se a história for verdadeira, e o médico que consentiu fazer esse papel e a Sra. Noël, que acolheu com boas-vindas tal pessoa.

Quanto à dita confissão da srta. Marthe B..., é, segundo o sr. Z..., que existe um alçapão na sala de sessões. Ora:

1º Jamais a srta. Marthe B... escreveu ou disse que havia um alçapão;

2º Não existe alçapão.

Devemos tirar, entretanto, uma conclusão sobre as objeções que depois de seis meses de reflexão, com grande reforço de confissões extorquidas, contra pesquisas e pesquisas, falsos testemunhos, propósitos de baixa estirpe, conseguiram construir contra os fatos dos quais eu fiz o relato.

São as cinco afirmações seguintes:

1º Um indivíduo vestido de um pano branco pode divertir-se no palco e fazer o papel de fantasma;

2º Esse indivíduo pode ser o cocheiro do general Noël;

3º O cocheiro do general Noël afirma que penetrou livremente conosco na sala de sessões, quando esta afirmação é uma mentira audaciosa;

4º Um médico lidou com a Sra. Noël há dois anos, fazendo com que um indivíduo que não sabe inglês aprendesse onze palavras de inglês;

5º A srta. Marthe B... teria dito que tudo aconteceu por meio de um alçapão, enquanto que, de início, ela não o disse e, em seguida, que não há alçapão. A existência desse alçapão, a propósito do qual um advogado de Argel escreveu-me uma carta emocionado que eu publico qualquer dia, se houver necessidade, é desmentida pelo relatório que segue.

¹³ Tanto para o que foi dito quanto para o que será dito. Eu deixarei sem resposta escoar-se o fluxo enlameado das falsas alegações e das histórias inventadas. Eu sou plenamente responsável pelo que escrevi e nada responsável pelos escritos que atribuem a mim, entrevistas fraudulentas que atribuem a mim e os recontos mentirosos que vendem. A tudo isso eu oponho uma contestação total e formal.

Eu confesso, de minha parte, que ao relatar esses fenômenos extraordinários da vila Carmen, sua estranheza havia, apesar de todas as provas recebidas, inspirado-me dúvidas com frequência e eu as tinha ardentemente manifestado, sem dissimular sua força. Mas agora, depois da precariedade das objeções que puderam fazer sobre ela, minhas dúvidas em parte desapareceram.

Charles Richet

Capítulo 8

Emile Lowe, arquiteto s/n

Boulevard Laferrière, I.

Eu, abaixo-assinado, Emile Lowe, arquiteto expert em Argel, certifico ter visitado e examinado o interior e o exterior do dito local: Sala de sessões da Vila Carmen, rua Darwin à Mustapha, pertencendo ao sr. General Noël.

Essa vila e suas dependências foram construídas a partir de meus planos e minha direção, em 1893, pelo sr. Batistini.

O local do qual se trata ocupa inteiramente o único andar de um pequeno pavilhão à direita da entrada da propriedade e era, em outro tempo, ocupado como lavanderia; coberto por um terraço de tijolos e cimento sobre ferros em duplo T, ele está construído em alvenaria de entulhos. O térreo serve de garagem para os carros e é separado do andar de cima igualmente por um piso de ferro em duplo T, batido com tijolos e cimento de 0,23 de espessura.

Nesses dois pisos, visíveis em toda sua extensão entre as quatro paredes, não existe nenhuma abertura ou qualquer alçapão¹⁴.

A garagem tem acesso para a rua Darwin e a escada da entrada; ela também é iluminada por um respiro situado sob o piso, na parede que dá para o jardim e bem à vista.

A sala do andar é iluminada por duas grandes janelas das quais uma dá para a rua Darwin e a outra para a escada de entrada.

O acesso à sala é feito por uma porta que dá para o jardim. No muro intermediário, inteiramente visível do interior e do jardim vizinho, não existem aberturas.

Consequentemente, certifico que não existe e jamais existiu nenhuma abertura senão a mencionada acima.

Constatei também que o estado da construção está tal qual o construí e que nenhum reparo foi feito há mais de seis meses.

¹⁴ Essa passagem, tal como a que se encontra um pouco mais longe, foi sublinhada pela redação – N da R.

Argel, 16 de março de 1906.

Emile Lowe

Visto para legalização da assinatura do sr. Emile LOWE, aposto acima:

Visto para legalização da assinatura do sr. Emile LOWE, aposto acima :

Timbre

Da Prefeitura de Argel

Argel, 16 de março de 1906

*P. Prefeito: o delegado adjunto
(assinatura ilegível)*

Capítulo 9

A conferência do Doutor X em Paris

Assisti à conferência que o sr. doutor X..., de Paris, fez em 10 de março e creio verdadeiramente que valha a pena consagrar-lhe algumas linhas; não que esta conferência apresente por si mesma um grande interesse científico, mas porque ela vem logo após a do doutor Z... em Argel, como prova da superficialidade que muitos adversários do sr. Richet mostraram nessa polêmica extraordinária.

Sabemos que, para o doutor X..., o fantasma de B.B., que se vê nas diferentes fotografias tiradas, é constituído por uma estrutura sustentada pela mão esquerda da médium, a srta. M..., que, por conseguinte, estaria bem no local que ela parecia ocupar nas fotografias e teria mesmo podido fazer ver sua cabeça se ela tivesse desejado. Somente a manga do braço esquerdo estaria vazia. O doutor X... vê claramente a estrutura em diferentes pontos das fotografias. Um pouco mais à frente, em sua conferência, o sr. X... esquece tudo isso, sustenta que o fantasma é representado pela própria srta. M... e dá como prova a chocante semelhança que existe entre o rosto da médium e o de Bien Boa, semelhança que tinha sido assinalada pelo próprio sr. Richet!

Enquanto a srta. M..., no dizer do doutor X, sustentaria a estrutura na parte inferior, a negra Aischa, escondida atrás do manequim, a sustentaria na parte superior. Em apoio a essa tese, o conferencista, em meio a projeções luminosas, apresenta ao seu auditório duas ou três fotografias sucessivamente, nas quais se vê de Aischa apenas sua manga. Mas o sr. X... sustenta que esta está vazia, pois a negra, como se viu, deve ter se ocupado de sustentar a estrutura constituindo o principal suporte do manequim.

Ora, em uma fotografia estereoscópica (figura III b), Aischa está completamente visível ao lado da srta. M... e do fantasma. É a prova absoluta da futilidade da suposição feita pelo doutor X... Este resolveu facilmente a questão ao não apresentar essa fotografia ao auditório, não disse uma palavra sobre ela.

Esse manequim imaginado pelo doutor X... não poderia evidentemente ir e vir na sala como o fazia B.B.; sobretudo, ele não poderia soprar no tubo de bário, na experiência tão curiosa que tivemos. Como nosso conferencista se exime de fazê-lo? É muito simples; dessa vez, o papel do fantasma é dado por Aischa. O sr. Richet tinha dito que, no momento da experiência, “ele percebia Aischa, sempre imóvel, e muito longe do fantasma”. O doutor X... não relata a frase e o todo é jogado.

Mas há melhor. Sabe-se que um dos fenômenos mais extraordinários relatados pelo sr. Charles Richet – e que o sr. G. Delanne igualmente descreveu – é o do fantasma que parece sair do chão e que se desfaz novamente, várias vezes, sob os olhos dos experimentadores. *O conferencista não falou uma palavra sobre isso. É excessivamente simples.*

Quando o doutor X... fez sua conferência, os jornais falavam há alguns dias da pretensa confissão do cocheiro Areski. Se devêssemos aceitar essa nova versão, a hipótese desenvolvida pelo doutor X se recolheria como um castelo de cartas. O conferencista o sabia muito bem; ele lamentava, entretanto, negligenciar essa nova maquinação que poderia desacreditar as sessões da vila Carmen. Ele se retira do embaraço citando as confissões do cocheiro, mas relacionando-as a outras sessões às quais o sr. Richet não teria assistido. Infelizmente, acabamos de ver, pelo relatório da conferência do doutor Z..., que as pretensas confissões de Areski *se relacionariam às sessões das quais o sr. Richet foi um dos assistentes.*

Nessas circunstâncias, nada a fazer; há a contradição flagrante, absoluta, entre a explicação da fraude dada pelo doutor X... e a dada pelo doutor Z... Um dos dois está necessariamente errado, se todavia não estiverem os dois enganados. A lógica gostaria que eles fossem adversários nessa questão; eles se tocam, ao contrário, acima da cabeça do bom senso, porque o essencial não é sustentar um coisa verdadeira ou razoável, mas sustentar que os experimentadores da vila Carmen foram enganados.

Antes de se ocupar das sessões da vila Camen, o doutor X... tinha falado, em sua conferência, das experiências de William Crookes, seguindo o mesmo sistema de ocultação.

O conferencista cita algumas experiências de Crookes com o médium Home – o do acordeão, entre outros, onde não se vê a possibilidade de um embuste – e o traz dizendo: “Já é passado muito tempo e é difícil julgar o que ele realmente é”. Mas, essa dificuldade não existe mais quando se trata de comentar alguma circunstância que parece expor à crítica.

O doutor X... mostra sucessivamente o retrato de Florence Cook e o do fantasma denominado Katie King, para demonstrar que este último não passava de médium disfarçada. Um pouco mais longe, ele é levado a falar do aparelho elétrico imaginado por Crookes e que deveria indicar por um sinal sonoro se o médium deixava o gabinete para fazer o papel do fantasma. Então, o conferencista exclama: “Mas se o papel do fantasma era feito por um comparsa!”. A questão da semelhança não existe mais. E assim por diante.

Um dos ouvintes, o escritor de comédias, sr. Albin Valabrègue, impaciente, interrompe o conferencista: “Traga, então, a conhecimento do público o que o próprio Crookes disse!”.

E como o conferencista não escuta dessa orelha, o sr. Valabrègue acaba por tomar a palavra e citar uma constatação de William Crookes, que ele publicou em seguida no *Gil Blas* (16 de março) e que eu creio útil relatá-la aqui, de minha parte:

“Em uma outra ocasião, alguém da Sociedade pede à Katie King, no começo da sessão, que diga por que ela não podia aparecer à luz de mais de um bico de gás. A questão pareceu irritá-la e ela respondeu: ‘Eu lhes disse a todos, já várias vezes, que eu não posso ficar sob forte luz. Eu não sei por que, mas eu não posso, e se os senhores querem ter a prova de que eu caminho em sua direção, abram todos os bicos de gás e observem o que vai me acontecer. Somente lembrem-se que não haverá sessão esta noite porque eu não poderei voltar. Vocês então têm escolha.

Sobre essa afirmação, alguém pergunta se o teste será feito ou não e todos os assistentes (sr. S.C. Hall fazia parte) decidiram que preferíamos ver o efeito da luz forte do gás sobre a forma materializada do que ter a sessão habitual, considerando que isso desfaria a questão perturbadora da necessidade da penumbra (senão da escuridão) para as sessões de

materialização que viriam.

Nós, então, fizemos conhecer nossa decisão à Katie e ela consentiu em passar pela prova, ainda que ela nos tenha dito, em seguida, que isso lhe causaria muito mal.

Ela se põe, então, de pé contra a parede do salão, os braços estendidos como se ela tivesse sido crucificada. Três bicos de gás foram logo amplamente abertos nesse quarto de aproximadamente dezesseis pés quadrados. O efeito sobre Katie King foi maravilhoso. Ela ficou sem mudar durante o tempo de um segundo somente, depois começou a afundar gradualmente. Eu não posso ter melhor comparação para a desmaterialização de sua forma do que a de uma boneca de cera diante de grande fogo. De princípio, os traços murcharam e apagaram, parecendo fundir-se um no outro. Os olhos se afundaram nas órbitas, o nariz desapareceu, o osso frontal se recolheu. Os membros pareciam entrar nela, ela se afundou no tapete como um edifício que se desfaz. Logo não havia mais que a cabeça sobre o chão, - depois não mais que um pequeno monte de panos brancos que desapareceu com uma rapidez extrema, como se uma mão os tivesse tomado – e ficamos imóveis sob a luz crua de três bicos de gás, os olhos fixados no local onde Katie estava”.

Compreende-se que não convinha à “lealdade científica” do doutor X... ocupar-se disso mais do que havia feito para as aparições e desaparecimentos de B.B. através do chão, etc.

E, entretanto, o sr. X... pretende falar em nome da ciência. Eis as palavras pelas quais ele fechou sua conferência e que merecem ser passadas à posteridade: “Os espíritos fizeram um apelo ao julgamento da ciência. E, bem: Eis que a ciência falou”.

O espírito científico, sem ofensa ao doutor X..., não é constituído por parcialidade e por escamoteamentos da retórica. O espírito científico é aquele que dita à Charles Richet, lealmente, a exposição dos lados falhos ou duvidosos dos fenômenos aos quais ele assistiu, mas que, ao lado deles, apresenta corajosamente os fatos perturbadores que ele observou, submetendo um e outro à apreciação da crítica honesta e sensata. O doutor X... e muitos outros x ainda preferem mostrar seu espírito científico e

crítico aceitando, de olhos fechados, os recontos de um cocheiro demitido e os boatos que um professor, um advogado e um médico se esforçam para organizar em Argel, já há três meses, com o resultado que se conhece. Há apenas algumas semanas uma distinta escritora de Melbourne, a Sra. Charles Bright, falando do sr. Charles Richet, relata o que segue:

“Ao doutor Richet certamente não falta coragem. Foi em 1875, há trinta anos, que ele foi o primeiro intelectual a se ocupar do *sonambulismo provocado*. Ele tinha então 23 anos e começava seu memorial por essas palavras que pareceriam ridículas hoje: ‘Uma certa coragem é necessária para pronunciar essas palavras de sonambulismo provocado’. – ‘Eu me lembro, dizia o sr. Richet, do ano anterior, em seu discurso presidencial na *Sociedade para Pesquisa Psíquica* de Londres, ‘que quando eu informei a meu pai cuja alta razão e sagacidade sempre me guiaram¹⁵, nesses estudos em um domínio proibido, ele reconheceu que elas estavam corretas, mas, quando eu manifestei a intenção de publicá-las, ele me dissuadiu dizendo: Você, então, quer se perder?’. Felizmente, ele acabou reconhecendo que a gente não se perde ao defender aquilo em que crê ser verdadeiro. Eu não estou mais perdido ao afirmar a realidade do sonambulismo provocado, como o sr. William Crookes não se perdeu ao afirmar a existência das materializações”.

O acontece pelo sonambulismo artificial se repete atualmente, de uma maneira chocante, nos fenômenos mediúnicos. São sempre os mesmos palavrões de *superstição* e de *ciência* cuja explicação encontra-se invertida em menos de trinta anos. É sempre a mesma luta entre as pessoas que afirmam depois de terem experimentado e as que negam sem terem passado pela experiência. Os argumentos que já foram lançados a inúmeras fraudes de sonâmbulos são atualmente aplicados às inúmeras fraudes de médiuns. Os experimentadores “enérgicos”, mas imbecis, que aconselhavam violências para que se desmascarassem os sonâmbulos, hoje as aconselham para desmascarar médiuns. Os “espertos”, que acreditavam ter argumento contra o sonambulismo, fraudes que eles mesmos executavam com o objetivo de convencer os experimentadores,

¹⁵ Sabe-se que o Prof. Alfred Richet, pai do sr. Charles Richet, era um grande cirurgião.

ingenuidade, não encontraram um método mais eficaz e inteligente nas sessões mediúnicas. Apesar disso, o sonambulismo artificial triunfou, a telepatia está perto do mesmo resultado, fenômenos metapsíquicos, apesar dos obstáculos que igualmente lhes criam as rejeições de adversários intransigentes e as distrações de defensores místicos.

Vesme